

## Literatura Galega Hoje: *al-khwarizmi (...de literatura galega)*".

**Carlos Quiroga**

### **Formas de citação recomendadas**

#### **1 | Por referência a esta publicação eletrónica**

QUIROGA, CARLOS (2011 [2003/2004]). "Literatura Galega Hoje: *al-khwarizmi (...de literatura galega)*". *Mealibra*: 13, Viana do Castelo, pp. 109-174. Reedição em [poesiagalega.org](http://www.poesiagalega.org). arquivo de poéticas contemporâneas na cultura\*.  
<<http://www.poesiagalega.org>...

#### **2 | Por referência à publicação original**

QUIROGA, CARLOS (1996) "Literatura Galega Hoje: *al-khwarizmi (...de literatura galega)*". *Mealibra*: 13, Viana do Castelo, pp. 109-174.

**al-khwarizmi**  
**(...de literatura galega)**

# 1

O desalento na hora inscrever neste espaço a requerida introdução à literatura galega, de pequeno horizonte mas de voz e produto alargado, recorda-me a pergunta do menino que pretendia saber do pai quantos metros exatos tinha o céu de alto. Poderia medir-se, certamente, seria diferente em diferentes pontos, haveria talvez um número concreto com muitos algarismos –começava a dizer o pai, preparando-se para esta vez falhar ao filho... Felizmente compreendeu a tempo que um algarismo qualquer podia bastar para dar ideia do que ele queria dizer e do que o filho queria ouvir. E felizmente me lembrei de imitá-lo, já que não podendo meter todo o horizonte de um céu aqui, também eu meterei apenas uma amostra dele, símbolo da totalidade, descansado de que qualquer tentativa diferente seria o confuso escrever que exprime o verbo antigo algaraviar. Melhor algarismo que algaraviar.

A proposta vai consistir numa introdução, caracterização sumária da história da literatura galega e nomeadamente do contexto literário das últimas décadas, e numa antologia de textos solicitados aos autores, para fechar com os dados biográficos deles. O mais discutível será a amostra, claro, porque poderiam estar mais e/ou outras presenças. Na realidade, estas escolhas costumam ser mais casuais do que subjetivas, e para o caso limitei-me a solicitar textos a pessoas de quem tinha o contacto ou com quem tinha boa relação, ou simplesmente relação, calculando uma resposta positiva de arredor de 50%, para ficar nos limites de

espaço disponível. Mas o número de retornos ultrapassou a expectativa, pois só quatro ou cinco silêncios se podem interpretar como negativas, e foi impossível alargar o convite a mais gente, como ainda no princípio pensara. Após estas páginas que historiam e descrevem o campo em que plantar os ramos dos textos, virão eles sem agrupar nem por géneros nem por afinidades de qualquer tipo, deixando-os fluir numa amostra com simples disposição alfabética. Remeto para as notas prévias o seu encardinamento periodológico assim como os dados biográficos e até as fotos que afortunadamente consegui reunir de todos e todas.

Poderá ser discutido, entre outras coisas e até por parte dalgum dos participantes na antologia, alguns dos esclarecimentos prévios acerca do contexto galego, nomeadamente em vertentes sociopolíticas e ortográficas, que de regra são contornadas quando não escondidas. Neste caso, o meu ponto de vista é conhecido e uso com responsabilidade de uma claridade consciente, no intuito de esclarecer o leitor. A este respeito, devo agradecer aos participantes, que conhecem a minha posição, o consentimento para uma arriscada proposta: adaptar a sua ortografia, salvo nos casos de o original ter sido entregue já em galego «reintegrado», para facilitar a leitura ao público a que se destina. A dificuldade da tarefa e o pouco tempo disponível deixaram-me não completamente satisfeito: espero que o resultado e efetividade do conjunto tenha merecido a pena. A oportunidade que a *Mealibra* nos brinda, e que eu agradeço também em nome de todos e todas, obrigava a um esforço suplementar, porque apesar de tanto palavreado teórico que de tempo imemorial vem lançando votos de irmandade entre os dois lados do Minho, continuam faltando empreendimentos que efetivem o encontro e o conhecimento. Que nos conheçam melhor é o desejo com que abro as caixas de guardar o passado nestas notas, explicações, e depois os textos da atual literatura galega.

### **preâmbulo prescindível**

Desafio parecido e anterior, para uma revista brasileira, obrigou-me a dar a um público mais distante um quadro prévio de fatores históricos, políticos e

linguísticos, para estabelecer um mapa amplo em que se compreendesse a produção da atual literatura galega e as suas circunstâncias. Tal cautela pode parecer hoje prescindível, ao tratar-se de Portugal e ao desaparecer quase a distância física. No entanto, pode-se verificar constantemente tanta distância mental e falta de comunicação cultural como se também existisse um oceano pelo meio. Do turista empedernido ao intelectual informado, a ignorância real acerca do vizinho e a falta de informação do que se passa no outro lado, infelizmente, continuam sendo a média geral do nosso desencontro presente. De modo que, para dar ideia toda do percurso da nascente à desembocadura, deixarei nestes primeiros parágrafos até algum detalhe “para americanos” de entre os que deviam ser lugar comum em Portugal.

Ao leitor português seguramente não haverá que lembrar-lhe a história da rica literatura galego-portuguesa medieval, correspondente a um mesmo *continuum* linguístico com a Galiza. Éramos um. Mas acaso não repararam que para nós foi impossível furtar-nos ao projeto de unificação política da Espanha? Portugal fugiu, mas a Galiza ficou nesse conjunto em que a unificação buscou apagar as diferenças, mesmo linguísticas, sendo o castelhano a língua oficial do novo estado. O Reino da Galiza, que se tinha alinhado nas anteriores guerras civis e dinásticas da coroa de Castela sempre com o perdedor, recebeu um duro castigo. A nobreza galega autóctone já tivera de exilar-se ou ficara empobrecida e dizimada, substituída por outra de origem castelhana, e só os camponeses e marinheiros conservam o seu idioma, restrito nos usos, dialetalizado e interferido nas formas, substituído pelo castelhano-espanhol num processo cada vez mais intensificado... Evoco tal esquema tópico porque muitos portugueses parecem ignorá-lo, e é o mesmo que continua a estar ainda por trás da realidade que tanto o turista desavisado como o intelectual informado observam hoje na Galiza, sem digerir bem se o parentesco que descobrem na fala é uma espanholidade mais amável ou uma portuguesidade menos limpa. Na realidade, só é uma galeguidade fruto da nossa triste história.

Na castelhanização do português de aquém-Minho foi-se perdendo a memória das suas ligações com o outro português, o galego de além-Minho. A Galiza entra no que se conhece por "Séculos Obscuros", em que o galego é quase só

língua oral. Do século XVI ao XIX só existe algum anormal "material literário" escrito em galego apenas como forma de contraste estilístico (uns sonetos renascentistas, uns poemas de festas minervais, alguns poemas académicos, e textos políticos em prosa de inícios do século XIX, devidos à invasão francesa e a discussões políticas). Todo o galego que sabe escrever nesta época escreve em castelhano, e se nas Festas Minervais de 1697 aparecem escritores que usam por escrito o dialeto "galego" é por buscar esse efeito de contraste ou surpresa. É quase nos limites entre romantismo e realismo que se inicia a renascença ou "Ressurgimento" da literatura galega. Por volta de 1850 já eram conhecidas as primeiras poesias de Camino, Añón, Valladares e Turnes, que podem considerar-se os primeiros frutos do novo espírito. Em 1853 aparece o primeiro livro deste Ressurgimento: *A Gaita Gallega*, de Pintos. Os iniciadores da etapa não conheciam a nossa comum literatura galega medieval, e o problema da língua literária apresenta-se pleno de dificuldades. Ensaíam simultâneas ou sucessivas soluções na construção do instrumento de expressão, ora usando do coloquialismo dialetal (falas locais, preenchendo lacunas com o castelhano), ora tomando outras variantes comarcais do galego popular, num interdialealismo combinado, ora buscando já um galego comum supradialetal.

Os grandes nomes que elevam o galego oral ao nível escrito da literatura são conhecidos em Portugal, pelo menos Rosalia de Castro, e a este devemos acrescentar Curros Henriques e Eduardo Pondal. Nos finais do séc. XIX começa a conhecer-se a tradição medieval, e os escritores veem nestes textos uma língua feita e provas incontestáveis da unidade linguística luso-galaica. As "Irmandades da fala" (1916), a revista "Nós" (1920), o "Seminário de Estudos Galegos" (1923), em que brilham nomes como Vicente Risco, Vilar Ponte ou Otero Pedrayo, marcam um caminho de superação do ruralismo e evolução da língua e cultura galegas rumo à unificação e purificação descastelhanizadora, assim como à convergência galego-portuguesa. Caminho brutalmente cortado pelo golpe militar de 36. A restauração do galego literário após a Guerra Civil Espanhola de 36-39 re-encontro os velhos problemas, agravados pela demora e dificuldades que uma ditadura uniformizadora em castelhano trouxe de novo. Nos anos 50 consente-se em publicar alguma poesia, e nos finais da ditadura começa a haver até docentes

(perseguidos) que usam o galego nas aulas. O período de transição divide a Espanha em "Autonomias", uma fórmula para solucionar os diferencialismos das chamadas nacionalidades históricas (Catalunha, Euskadi e Galiza), e o galego começa a ter co-oficialidade com o castelhano/espanhol em inícios dos anos 80.

Eis, a traços largos, o quadro prévio sobre que colocar as referências ao presente. Faltam ainda algumas observações sociológicas e linguísticas.

### **esclarecimento necessário**

A radiação constante do espanhol sobre a Galiza vai-se notar também no restauro da literatura galega escrita. Os poderes que controlam a norma ortográfica assumem, no período de liberdades pós-franquista, uma consciente harmonia com o espanhol, acatada pelos escritores que querem ter já não visibilidade mas simples existência. A outra orientação, em direção ao português, é perseguida mesmo desde esses novos poderes, que descobriram no controlo da norma, entre outros objetivos, uma fonte de lucro importante. A saúde da língua e da literatura galega, medida apenas a partir do exercício da literatura oficial, parece agora, e à luz da dramática história acima resumida, altamente otimista. Mas, não só do ponto de vista da dissidência ortográfica, o panorama é algo enganoso, como veremos.

Por um lado conseguiram-se instituições próprias e uma recuperação pública do idioma à altura do que sonharam Castela e os outros líderes políticos e intelectuais de antes da guerra civil espanhola. Mas foi uma recuperação ritual, acompanhada ao mesmo tempo por uma perda vertiginosa de falantes do galego, e num quadro sociopolítico pouco aliciante para a recuperação plena. Existe uma autonomia gerida por um ex-ministro de "Información y Turismo" da época franquista e pelo PP (Partido Popular), direita espanholista que também governa em Madrid o Estado Espanhol, um poder político que assumiu na Galiza uma face "galega", conseguindo imbricar-se nas estruturas caciquistas do povoamento disperso e ainda muito rural. O PP fala em galego, aliás como os outros partidos estatais que aqui procuram o voto, mas usam o idioma de um modo litúrgico, como o vestido tradicional da terra e a "gaita de fol". O Partido Socialista Operário

Espanhol (PSOE) segue a mesma orientação neste sentido, embora reclame uma postura mais "progressista". O terceiro partido estatal, Esquerda Unida, nunca conseguiu aqui muita representação parlamentar. A terceira força política na Galiza é o BNG (Bloco Nacionalista Galego), única entidade política que conseguiu ir crescendo à medida que moderava o seu discurso independentista, e que aglutina vários partidos galeguistas de esquerda. Só nestes últimos se lhe reconhece um compromisso real com os interesses galegos, embora os outros partidos, especialmente o PP da posição de poder, tenham vindo a aparentá-lo na cosmética da sua forma de governo.

Com estas coordenadas, a língua e a literaturas galegas re-encontram os velhos problemas de antes da guerra e da ditadura, que podem ser agrupados em dois grandes tipos, um de ordem política e outro de tipo técnico. O político puro, em que não vamos aprofundar, é o antigo e resultante de estarmos inseridos dentro de uma unidade estatal chamada Espanha, com os condicionantes redutores da própria personalidade que implica; o técnico refere-se à ortografia. Em 1982 foi oficializada pelo Parlamento da "Xunta" (o nosso governo autonómico) uma normativa ortográfica que utiliza os critérios e soluções do espanhol para escrever o galego. O debate de fundo não está apenas no vestido da língua, mas na postura quase filosófica e sobretudo política em relação à língua. O que se debate, poucas vezes publicamente, é se o galego normal há de constituir-se independentemente de toda influência das demais modalidades do ibero-românico atlântico ou há de tê-las dalguma maneira em conta. Ou seja, se o galego padrão há de fazer-se em contacto com o português, lusitano e brasileiro, ou isolado dele.

A posição isolacionista, atualmente no poder, pretende "conservar" as "essências" do galego frente ao português. Na sua forma mais moderada, admite que existiu uma língua galego-portuguesa (ou galega primitiva) da qual a partir do século XV se desprenderam o galego moderno e o português. Desde esta postura, galego e português seriam hoje substancialmente diferentes, e para formar o galego padrão teríamos que fundar-nos no galego falado, por muito castelhanizado que apareça, e rejeitar todo o lusitanismo. É um caminho que está precipitando a dialetalização do galego com respeito ao castelhano, e é o único caminho consentido para a maioria dos escritores que hoje pretendem sê-lo. Uma boa parte

dos autores representados nesta amostra para a *Mealibra* inscrevem a sua prática habitual nesta vertente, com maior ou menor consciência mas com toda a inevitabilidade que o querer ser visíveis determina.

A posição reintegracionista contrária aglutina uma corrente de opinião favorável à cooperação com o português. Fechar os olhos a ele, seguindo as palavras do escritor e professor Ricardo Carvalho Calero (primeiro catedrático de galego na universidade, e formulador certo das ideias reintegracionistas), seria renunciar ao proveito de uma série de soluções codificadas para resolver os problemas do galego. Por outro lado, a exploração sistemática das diferenças que a colonização linguística castelhana determinou no galego, iria propiciar a sua absorção pelo castelhano-espanhol. A cooperação com o português deveria favorecer a difusão dos nossos textos literários num horizonte crescentemente extenso. A reintegração do galego, em quanto for possível, no ibero-românico ocidental, a restituição do galego na sua integridade, mediante a limpeza de castelhanismos, suporia de facto uma aproximação do português enquanto libertação da pressão do castelhano. Não se trataria sem mais nem de “macaquear” o português nem de adotar como galego de hoje a língua medieval galego-portuguesa. Simplesmente, o reintegracionismo supõe o razoável reingresso na comunidade linguística a que realmente pertence o galego. Seria o único caminho que evitaria a absorção do galego pela língua do Estado, e é o caminho que praticamos uma minoria de escritores com menor visibilidade, também representados na amostra.

### **o último quartel do século XX**

A encruzilhada mais importante e rica da literatura galega dá-se no último quartel do século XX, ou em toda a segunda metade, se contarmos com uma primeira fase necessariamente mais vagarosa por quase refundadora. Consideramos, claro, o mapa oficial, a literatura “visível”, mas também colocamos alguns indícios da literatura “invisível”, com um final afinamento do perfil político e linguístico. Assim, a autonomia que se instaura em inícios dos 80 traz

consequências institucionais e sociais definitivas, permitindo, entre outras coisas, que se abra um mercado de consumo ligado ao ensino e à norma ortográfica subsidiada, e em que aconteça uma certa inibição no problema da língua e da sua ortografia por parte dos autores que se beneficiam dessa abertura (supostamente “normalizado” o uso, não haveria porque preocupar-se mais por parte de quem está realizando tal uso). É este um período excepcional em que, simplificando, três grandes grupos etários alimentam o campo literário:

a) velhos mestres, nascidos em princípios de século, que acabam aqui o seu périplo vital, como Eduardo Blanco-Amor, Rafael Dieste, Álvaro Cunqueiro, Carvalho Calero, Jenaro Marinhas;

b) escritores novos, participantes na recuperação cultural dos anos cinquenta e sessenta, que agora apresentam as suas obras já maduras: Bernardino Graña, Manuel María, Uxío Novoneyra, X.L. Méndez Ferrín, María Xosé Queizán, Antón Avilés de Taramancos, Camilo Suárez Llanos, X.L. Franco Grande, Xohana Torres;

c) escritores mais novos, que se estreiam em oitenta e noventa, com tendências múltiplas e diversas, atentos à diversidade cultural doutras literaturas e línguas (por exemplo, de expressão inglesa, como em todos os países da área capitalista, mas também a portuguesa, até sentida como própria por alguns deles).

Alguns autores mais velhos já começaram a publicar, com predomínio da poesia, no final dos anos 60 e já nos 70, acolhendo a atmosfera contestatária dos últimos anos do franquismo em que se formaram. São os Alfredo Conde, Lois Diéguez, Darío Xohán Cabana, Xesús Rábade Paredes, etc., que na metade dos 70 ou já nos 80 passam à narrativa (as próprias editoras e o incipiente mercado também o favorecem), à qual se incorporam autores inéditos, dando-se por primeira vez uma rica eclosão neste género, até à altura mais carente. Ao mesmo tempo, também a poesia se renova a partir dos anos 70, sem ter parado de incrementar modulações.

Quero indicar ainda, nesta generalização prévia, que antes deste último quartel do século todas as posições quanto à língua compartilharam, em princípio, um alto grau de compromisso político que reconhecia nesse instrumento o melhor meio para manter a própria identidade. Assim tinha sido durante a resistência ao

franquismo, quando o simples facto de escrever em galego, fosse qual fosse a grafia, já era um desafio para o poder central e espanhol. Agora o uso do galego oficial não só é politicamente correto mas está subsidiado e dá para muitas pessoas viverem exclusivamente dele. Durante os últimos 30 anos, o capitalismo de terceira geração também precariamente aqui criou um mercado (escolar) e um campo literário em galego (só o oficial, de facto), e a maioria dos escritores colocou o seu compromisso apenas em assegurar-se um lugar ao sol neles, e até no espanhol via tradução. Os autores mais velhos abandonaram na sua prática escrita as orientações reintegracionistas que em geral defenderam no plano teórico, salvo casos como o de Jenaro Marinhas e Carvalho Calero, e os novos, num tempo de suposta democracia, entraram no campo despreocupados pelo passado e pela questão identitária. Se alguma consciência crítica existiu neste sentido, foi ficando arrumada a um canto perante aspetos que, num presente de enganadora normalidade de mercado, com editoras, prémios literários e recompensas docentes, prometia um futuro igual de feliz.

Nestas últimas décadas só o reintegracionismo supõe algum modo de desafio e conservação do compromisso aludido, aparecendo organizações de resistência, como a *Associação Galega da Língua* (AGAL), que formula críticas fundadas da norma oficial (*Estudo Crítico das “Normas ortográficas e morfológicas do Idioma Galego”*, 1983), ou elabora instrumentos coerentes para a escrita do galego dentro do sistema comum galego-português (*Prontuário Ortográfico Galego*, 1985). Do ponto de vista desta postura, espalhada a grupos de base e a publicações de “vida dificultada”, sente-se a língua própria como signo vital em termos identitários, e vê-se o apoio das covariantes lusitana e brasileira como contributo imprescindível para o reforço e sobrevivência da própria variante galega. O temor por uma Galiza absolutamente castelhanizada fundamenta-se na presença esmagadora dos *mass media* espanhóis, na observação de que o galego retrocede, de que é respeitado mas não promovido, de que se tende para a fase de modalidade folclórica. A posição reintegracionista inspira-se na própria tradição galeguista que sonhou com outra fortuna para o galego: a de não ser uma relíquia na vitrina da atual União Europeia como língua minoritária e minorizada. A mesma tradição daqueles intelectuais e instituições que propugnaram no seu momento o

galego como língua da Galiza, e que já antes da ditadura viram claro o único caminho possível a seguir. Uma tradição não completamente apagada.

Recentemente foi admitida na Academia Galega uma reforma ortográfica que, sem contar com a participação do reintegracionismo, modificou alguns pormenores da escrita do galego nessa orientação. É difícil avaliar qualquer significado positivo para o campo literário, e até pode ter o efeito perverso do equívoco e do silenciamento definitivo da orientação que o inspirou, mas tudo parece indicar que este assunto não está fechado, e que a inibição não é absoluta por parte dos escritores. Até porque de várias perspectivas se pode ver com interesse o alargamento do mercado editorial com a mudança ortográfica. No século XXI, se o controlo dos poderes instituídos não for definitivamente estrangulador, deverá ter-se mais cabalmente em conta esta possibilidade como única via para salvar o galego e a sua literatura do caminho de espanholização oficial, e portanto de morte, que está tomando.

Mas, voltando aos nomes, indicávamos que os escritores preambulares deste presente estão na metade do século XX. No final da década de 1950-60 repete-se o que nos anos 20 tinha feito o grupo *Nós* (Vicente Risco, Castelao, Otero Pedrayo): olhar para Europa. É a chamada *Nova Narrativa Galega*, que também procura incorporar à narrativa as tendências europeias. São universitários e têm por trás leituras e conhecimentos das técnicas e novos modos narrativos (o monólogo interior, o ponto de vista do narrador objetivo ou câmara, o narrador múltiplo; a rutura da linearidade narrativa, o emprego de vários planos, a narração acelerada ou comprimida; o espaço impreciso e simbólico, etc.), reiterando nas suas obras a linha existencial, o inconsciente, o absurdo da vida, a violência, etc. O *nouveau roman* francês, evidente na denominação, influi através dos Robbe-Grillet, Sarraute, Claude Simon, Duras, etc., mas também os mestres da narrativa do século XX, como Kafka, Joyce, Camus, Beckett, Faulkner, Proust, Hemingway, Pavese, Dos Passos. Se algum autor não participa dessas influências é Xosé Neira Vilas (1928), sempre instalado em formas narrativas tradicionais e realistas desde *Memorias dun neno labrego* (1961), e continuando com *Cartas a Lelo* (1971), *Aqueles anos do Moncho* (1977). Todos os demais, em maior ou menor grau,

acusam a aludida influência do exterior: Gonzalo R. Mourullo (*Nasce un arbre*, 1954; *Memorias de Tains*, 1956), Camilo Gonsar (*Lonxe de nós e dentro*, 1961; *Como calquer outro día*, 1962; *Cara a Times Square*, 1980), Xohán Casal (*O camiño de abaixo*, 1970), María Xosé Queizán (*A orella no buraco*, 1965), Vicente Vázquez Diéguez (*As ponlas baixas*, 1968), X. L. Méndez Ferrín (*Percival e outras historias*, 1958; *O crepúsculo e as formigas*, 1961; *Arrabaldo do Norte*, 1964), ou Carlos Casares (*Ventoferido*, 1967; *Cambio en tres*, 1969).

A partir daí, os narradores desenvolveram discursos muito particulares, significando-se especialmente dois autores, tanto pelo aspeto qualitativo como pelo quantitativo da sua produção: um deles, X. L. Méndez Ferrín, com obra persistente até à atualidade, continuando para aliás das citadas com *Retorno a Tagen Ata* (1971), *Elipsis e outras sombras* (1974), *Antón e os inocentes* (1976), *Crónica de nós* (1980), *Amor de Artur* (1982), *Arnoia, Arnoia* (1985), *Bretaña, Esmeraldina* (1987), *Arraianos* (1991), e *No ventre do silencio* (1999). O outro nome significativo é Carlos Casares, autor de *Xoguetes para un tempo prohibido* (1975), *Os escuros sonhos de Clío* (1979), *Ilustrísima* (1980), *Os mortos daquel verán* (1987), e *Deus sentado nun sillón azul* (1996).

O caso mais curioso é o de Ferrín, cuja centralidade no quadro literário galego delata a anormalidade deste, tal e como tivemos ocasião de examinar noutra parte, e cujos fundamentos resumimos agora em três pontos: a) O tipo de valores reconhecidos na obra de Ferrín corresponde, em geral, a uma leitura ideologicamente muito marcada, com frequência identificada com a reivindicação épica e nacional, bem por via da fantasia, bem por via da alegoria política e da violência (valores que não se achariam entre aqueles “supremos da humanidade” numa literatura produzida num contexto social e político de paz e normalidade); b) O compromisso político do autor é levado ao terreno linguístico, aquele em que o literato devia exhibir um saber superior, e aí o político adota uma posição inverosímil, atacando, com violência e desinformação, a escolha ortográfica que politicamente se esperaria dele, inclinando-se, pelo contrário, por uma opção de escrita entregue ao espanhol, se bem que temperada com certo verniz léxico de teor lusitanizante; e c) A posição central de Ferrín no campo literário galego recebe o apoio incontestado de vetores vindos de todas as posições, mesmo daquelas

opostas aos “valores” ideológicos reconhecidos na sua obra literária, que contribuem amplamente à sua campanha “nobilitante”, incluindo até o campo espanhol e os seus representantes políticos na Galiza (a centralidade foi visível no esforço geral de instituições e partidos para pedirem para ele o Nobel, o que sucede imediatamente depois de o campo literário português receber tal distinção).

Já Casares, que foi um dos homens com mais poder estratégico no campo da literatura galega (académico, editor, presidente do Conselho da Cultura), sem os desbordamentos fantásticos de Ferrín, escolhe os cenários mais reconhecíveis das pequenas vilas e aldeias galegas para denunciar repressões e violências, recorrente na procura da tolerância, mas sempre reverenciado pela crítica quanto à capacidade fabuladora. A sua propensão para o diálogo ficou manifesto pouco antes de morrer (2002), depois de ter defendido publicamente a necessidade de revisão da escrita galega para aproximá-la da portuguesa, tendo mantido até contactos com setores críticos com vista a retomar as linhas do galeguismo histórico quanto a este problema.

De entre os escritores reintegracionistas, cabe destacar em primeiro lugar Carvalho Calero (1910-1990), autor, para além de uma ampla produção científica e ensaística, de interessante obra literária. Quanto à prosa, o seu romance *A xente da Barreira* (1950) é o primeiro em galego que se publica no pós-posguerra, reeditado com toda a produção narrativa em 1984 (*Narrativa Completa*, em que se integra um conjunto de obras escritas, quase na totalidade, na primeira metade do século, antes dos 40 anos do autor). A sua última obra, *Scórpio* (1987), escrita já na norma reintegracionista de escrita comum, recebeu no ano seguinte, apesar do silenciamento de que foi objeto o autor por parte da oficialidade nos últimos anos de vida, o Prémio espanhol da Crítica. Da mesma geração de Carvalho Calero é o dramaturgo e autor de relatos breves Jenaro Marín del Valle (1909-1999), outro galeguista histórico esquecido pela história oficial (*A Serpe*, 1952; *A Revolta*, 1965; *Acurrados*, 1981; *A Notícia*, 1986; *O assento*, 1986; *O mantido*, 1987; *Home Frouxo*, 1990; *Ramo Cativo*, 1990).

Quanto à poesia, temos um primeiro agrupamento de autores que começa a publicar na década de cinquenta, e que, nascidos nos anos vinte, servem de ponte

entre a poesia anterior à guerra de 1936 e os poetas posteriores (Aquilino Iglesia Alvariño, Álvaro Cunqueiro, Celso Emilio Ferreiro, Xosé María Díaz Castro, Miguel González Garcés, María Mariño, Pura Vázquez). Obviamente, a sua produção está marcada pela circunstância sócio-política do país, e a língua empregada é inicialmente o espanhol, passando muito rapidamente ao galego. Temática existencial na obra de Manuel Cuña Novás, Antón Tovar Bobillo, Luz Pozo Garza, se bem que nesta evolua para uma temática menos angustiosa nos últimos títulos (*Códice Calixtino*, 1986; *Prometo a flor de loto*, 1992; *Vida secreta de Rosalía*, 1996). Carvalho Calero, autor de poesia em espanhol já nos anos 20, assina em galego ainda antes da guerra *Vieiros* (1931) e *O silenzo axionllado* (1934); posteriores à contenda, *Anxo de terra* (1950), *Poemas pendurados dun cabelo* (1952) e *Salterio de Fingoy* (1961), obras todas revistas e recolhidas em *Pretérito imperfeito* (1980); e ainda mais recentemente, *Futuro condicional* (1982) e *Cantigas de amigo e outros poemas* (1986), sempre com grande rigor formal e fortes componentes culturalistas. Também reintegracionista, o prestigioso ensaísta e escritor exilado Ernesto Guerra da Cal (1911-1994), é autor de uma obra poética (*Lua de Além-mar*, 1959; *Rio de sonho e tempo*, 1963 -ambos re-editados em 1992) à qual pertence ainda o livro inédito publicado postumamente na Galiza (*Caracol ao pôr do sol*, 1991).

O segundo agrupamento é o dos autores nascidos na década de 30, ou em inícios da de 40, poetas com obra ampla, individualizada e, quase na totalidade dos casos, em aberto. Manuel Maria (1930-) seria o autor mais prolífico, irregular e variado, desde a veia existencial (*Muiñeiro de brétemas*, 1950; *Morrendo a cada intre*, 1952; *Advento*, 1954), à da paisagem (*Terra Cha*, 1954), poesia social (*Documentos persoais*, 1958), e até intimista e elegíaca. Uxío Novoneyra, recentemente desaparecido, é autor de uma obra reduzida mas de peculiar ligação telúrica à sua terra natal, e por extensão comprometida com o País (destacamos *Elexías do Caurel e outros poemas*, 1966). Xohana Torres é outro nome obrigado deste período, autora de poesia rigorosa no formal e simbólica no temático, que varia dos mitos clássicos para a angústia e a passagem do tempo, da preocupação por Galiza à condição feminina (*Do sulco*, 1959; *Estaciós ao mar*, 1980). Bernardino Graña, para além do existencialismo do seu primeiro livro (*Poema do*

*home que quixo vivir*, 1958), temática em que vem coincidir com os colegas de geração, ou para além dos tributos e agradecimentos pessoais do último (*Luz de novembro*, 1997), poderia ser considerado o poeta do mar e da sua gente, incluídas reflexões íntimas que daí se podem derivar (*Profecía do mar*, 1966; *Non vexo Vigo nin Cangas*, 1975; *Se o noso amor e os peixes Sar arriba andasen*, 1980; *Sima-Cima do voar do tolo*, 1984; *Himno verde*, 1992). Manuel Álvarez Torneiro, com domínio formal e culturalismo que o aproxima de Carvalho Calero, só publica em época recente, mas pertence também a esta geração: *Memoria dun silencio* (1982), *Fértil corpo de soño* (1986), *Restauración dos días* (1986), *As voces consagradas* (1992), *As doazóns do incendio* (1993), *Rigurosamente humano* (1994) e *Habitante único* (1997). Salvador García-Bodaño é autor de uma obra unitária, rica em ritmos e atenta à memória e ao tema amoroso nos conteúdos (*Ao pé de cada hora*, 1967; *Tempo de Compostela*, 1979; *Obra poética*, 1993, que recolle os anteriores e acrescenta *As palabras e os días* e *Poemas de amor a Xulia*). Antón Avilés de Taramancos, desaparecido em princípios dos 90, representa uma voz peculiar e profunda, vital e sensual, marcada pela emigração na Colômbia: no regresso reúne os seus dois livros dos 50 (*As moradias do vento*, 1955; *A fruta e o garamelo*, 1959) com a obra inédita –*Poemas a Fina Barrios, Poemas soltos a Maricarme Pereira e Os poemas da ausencia (1961-1981)*– no volume *O tempo canta no espello* (1982), a que seguem *Cantos caucanos* (1985), *As torres no ar* (1989) e *Última fuxida a Harar* (1992). Existencialismo e saudade introspetiva na obra de Xosé Luís Franco Grande (*Entre o si e o non*, 1967, depois recolhido em *Herdo de memoria e tempo*, 1987, com toda a sua obra inédita). Arcadio López Casanova, outra passagem obrigada, representa na poesia galega desta geração o controlo estilístico e a visão desenganada do ser humano (*Sonetos da esperanza presentida*, 1965; *Palabra de honor*, 1967; *Memoria dunha edá*, 1976; *Mesteres*, 1976; *Liturxia do corpo*, 1983; *Noite do degaro*, 1994).

Finalmente, e do mesmo modo que acontecia na narrativa, a obra de Xosé Luís Méndez Ferrín ocupa o centro do campo poético destes anos. O seu livro inicial é de teor existencial, em coincidência com os seus pares, mas já aparecem aí os elementos míticos e a visão reivindicativamente épica da Galiza, sempre presentes na progressão posterior: *Voce na néboa*, 1957; *Antoloxía popular de*

*Heriberto Bens*, 1972; *Con pólvora e magnolias*, 1976; *Poesía enteira de Heriberto Bens*, 1980; *O fin dun canto*, 1982; *Erótika*, 1991; *Estirpe*, 1994. Para além dos ingredientes de compromisso cultural e político na sua obra, ou talvez pela presença deles, Ferrín vai ser um referente para a renovação da poesia galega posterior.

### os 70-80

A literatura galega das últimas décadas do século XX marca tendências gerais que estão a vigorar no presente, pois é no final dos 70 e inícios dos 80 que aparecem rumos diferentes e novos autores. São os nascidos na década de 40 e 50, que nessa altura começam a publicar, amparados nas condições propícias de abertura política e mercado incipiente, e que hoje são escritores “consagrados”. No campo narrativo, a demanda escolar e a criação de prémios literários para o romance (*Eduardo Blanco-Amor*, 1981; *Xerais*, 1984), estimulam económica e moralmente a produção em normativa oficial (só em princípios dos 90 o *Carvalho Calero* de narrativa breve, de entre os muitos que já existem na Galiza, apareceu no panorama galego não reprimindo a norma ortográfica utilizada pelo autor). O reconhecimento social e mediático também contribui a criar um novo clima de aparente normalidade literária. Uma das primeiras referências dos anos 70 seria Paco Martín, que desde o início mistura a fantasia com a realidade (*Muxicas nos espello*, relatos, 1971; *No cadeixo*, 1976; *E agora cun ceo de lama*, 1981; *Das cousas de Ramón Lamote*, 1986, Prémio Nacional de Literatura Infantil e Juvenil; *Dende a muralla*, 1990; *Historias para ler á noite*, 1992). Alfredo Conde, de larga projecção mediática, nomeadamente por *Xa vai o grifón no vento*, 1984, Prémio Nacional de Literatura, é autor prolífico e de esquema narrativo pouco variável que foi progressivamente perdendo o favor do público, embora conserve o da crítica (*Contubernio catro de Tomás*, 1978; *Come e bebe que o barco é do amo*, 1978; *Breixo*, 1981; *Memoria de Noa*, 1982; os relatos *Música sacra*, 1990, e *A Casa de Adara*, 1996; e o romance *Sempre me matan*, 1995). Xosé Manuel Martínez Oca reincide na revisitação dos cenários da memória para chocar com o presente (*Un*

ano e un día, 1980; *A fuxida*, 1980; *A chamada escura dos cavorcos*, 1981), recria a vida de uma vila galega (*Beiramar*, 1983, Prémio Blanco-Amor), ou experimenta o género de aventuras (*As florestas de Mañuema*, 1988; *Náufragos en terra*, 1994). Xavier Alcalá, com uma escolha de cenários muito plural (mas com um fio condutor comum de reflexão acerca do País), é dos narradores mais prolíficos deste período, e algumas das suas obras foram incessantemente lidas nos centros de ensino: *A nosa cinza*, 1980, o romance-crónica de uma geração; *Fábula*, 1980, o romance-crónica da Galiza de pós-guerra; *Nos pagos de Huinca Loo*, 1982, o romance de ambiente latino-americano; *Tertulia*, 1985, o romance de aventuras e de sátira literária; *Código morse*, 1996, o romance do mundo dos “paços” e da sua desapareição. Carlos G. Reigosa publicou relatos de ambiente rural (*Homes de tras da Corda*, 1982; *As pucharcas da lembranza*, 1986), mas notabilizou-se pela inauguração do policial em galego (*Crime en Compostela*, 1984; *O misterio do barco perdido*, 1988), que rapidamente, e ao calor da demanda escolar, vai ter outros cultores (nomeadamente os contributos quase simultâneos de três poetas: *As regras do xogo*, 1990, de Ramiro Fonte; *O crime da rúa da Moeda Vella*, 1990, de Román Raña Lama; *Barato, barato*, 1991, de Manuel Forcadela). Víctor F. Freixanes, desde o seu denso e extenso *O triángulo inscrito na circunferencia* (1982), ganhou lugar de destaque, que manteve nas duas publicações seguintes (*O enxoval da noiva*, 1988; *A Cidade dos Césares*, 1993).

Imediatamente a seguir, frutos crescidos neste quadro, deveriam inscrever-se no período que corresponde à produção finissecular, quando não do século XXI exclusivamente, todos os textos da atual literatura galega que depois oferecemos. É a última fase, um período já entre dois milénios.

### **a encruzilhada milenar**

De entre os novos e vários narradores que passam a ocupar o centro do campo narrativo desde fins dos 80 e já nos 90, seguramente poderíamos conformar-nos com Darío Xohán Cabana, Manuel Rivas, Xabier Queipo, Xosé Carlos Caneiro e Suso de Toro, acrescentando-se o fator de que em geral encontram

saída internacional via espanhol e via tradução a outros idiomas. Na obra de Darío Xohán Cabana dá-se a diversidade temática, já da matéria de Bretanha, já de intencionalidade política e reivindicativa para Galiza (*Galván en Saor*, 1989, Prémio Xerais; *Fortunato de Trasmundi*, 1990; *O libro dos moradores*, 1990; *Vidas senlleiras*, 1992; *Cándido Branco e o Cabaleiro negro*, 1992; *O cervo na torre*, 1994; *Morte de Rei*, 1995). Manuel Rivas, projetado como jornalista a partir de Madrid e do sistema cultural espanhol, é escritor galego “internacional”, sendo característico da sua escrita o humor e a ironia, e tendo tratado desde o mundo do futebol até o conflito rural/urbano, o choque do moderno com o ancestral (*Todo ben*, 1986; *Un millón de vacas*, 1990; *Os comedores de patacas*, 1991; *En selvaxe compañía*, 1994; *¿Que me queres, amor?*, 1995, Prémio Nacional de Narrativa). Queipo, que na nossa amostra apresenta poesia, tem contribuído não obstante com novos temas e horizontes para a renovação da narrativa galega partir de *Ártico e outros mares* (1990, Prémio da Crítica espanhola). Caneiro começou a sua consagração na poesia (prémios “Celso Emilio”, “Cidade de Ourense”, “Xohán Carballeira”, “Rosalía de Castro”), mas será na narrativa recente que se afirma como um imprescindível e nobilitado nome (“Xerais” por *O infortunio da soidade*, 1992; “Torrente Ballester” por *Un xogo de apócrifos*, 1997; “García Barros” por *Talvez melancolía*, 1999; “Risco” de literatura fantástica por *A rosa de Borges*; “Blanco Amor” e “Eixo Atlántico” por *Ébora*). Quanto a Suso de Toro, talvez este autor represente a mais clara rutura na atual narrativa galega “consagrada”, usando de um estilo ligado à oralidade e armado de uma ironia crítica que aplica ao panorama do País examinado desde as suas histórias, sempre aproximando-se à realidade social e política sem a inconsciência de esquecer o passado (*Caixón desastre*, 1983; *Polaroid*, 1986; *Land Rover*, 1988; *Ambulancia*, 1990; *Tic-Tac*, 1993; *A sombra cazadora*, 1994; *Calzados Lola*, 1997; *Non volvas*, 2000). Uma recolha exaustiva de tanto nome funcionando ao presente na narrativa galega seria impossível, e ainda haveria muito que perfilar, por isso fechamos o capítulo aludindo só e de novo à vertente irreverente no uso ortográfico que sempre é invisível (só a edição em norma oficial é subsidiada), limitada pela escassa saída editorial e pela ausência de qualquer estímulo social ou económico (antes pelo contrário reprimida de diversos modos), e que não deixou contudo de produzir

algumas obras de autores entre os quais até me posso contar, mas cujo representante de mais longo percurso é João Guisan Seixas; e podemos acrescentar, junto às recentes estreias de R. Miragaia e F. Rodal, a de outros nomes com obra mais abundante, como Henrique Rabunhal, Joel R. Gomez, Henrique da Costa, Martinho Montero Santalha, etc.

Quanto à poesia galega última, o quadro poderia ser bem mais alargado por complexo. O ponto de referência da geração prolonga-se desde a década de 80 à de 90, em que o protagonismo dos que começaram a publicar naquela é compartilhado com outros escritores mais novos cuja estreia se dá nesta. O ponto de partida fora a poesia social, crítica e comprometida por causa da situação política, que vigorara esgotando-se e empobrecendo-se durante os anos 60 e boa parte dos 70, e que agora muda de registo, ao calor das mudanças políticas que se aproximam, tal e como delatam os manifestos e proclamas (*Rompente*, 1976; *Cravo fondo*, 1977). Para além do novo ambiente, existem revistas que servem de ponto de apoio (*Grial*, *Nordés*, *Coordenadas*, *Dorna*), e prémios literários (“Esquío”, “Cidade de Santiago”, “Cidade de Ourense”, “Celso Emilio Ferreiro” em Vigo, a que se acrescentam os Prémios de Crítica em Galiza e os da “Asociación Española de Críticos Literarios”). A maioria dos poetas dos 80 passaram por estes prémios: Manuel Rivas, Vitor Vaqueiro, Pilar Pallarés, Miguel Anxo Fernán-Vello, Lois Pereiro, Eusebio Lorenzo Baleirón, Román Raña, Paulino Vázquez, Cesáreo Sánchez Iglesias, Xulio L. Valcárcel, Ana Romaní, Antonio Rodríguez, Chus Pato, Darío Xohán Cabana, Xesús Rábade Paredes, Xavier R. Barrios, Xavier R. Baixeras, X. M. Álvarez Cáccamo, Luís González Tosar, Alfonso Pexegueiro, Anxo Quintela, Xosé Manuel Valcárcel, Manuel Forcadela, Millán Picouto, Vicente Araguas, Manuel Vilanova, Artur Alonso, Ramiro Fonte, Luisa Villalta, Claudio Rodríguez Fer, Xoán Manuel Casado, Antón Reixa, Xavier Seoane, Gonzalo Navaza, Arturo Casas, etc. Nos 90 continua a produção de muitos dos anteriores e multiplica-se a aparição de novos nomes, muitos femininos (Olga Novo, Yolanda Castaño, María do Cebreiro, Helena de Carlos), sem que deixe de haver também neste terreno contributos reintegracionistas, embora não exista nenhum prémio literário que consinta explicitamente afastar-se da norma chamada oficial. Podemos mencionar

destes últimos, ainda com o risco de esquecer alguns nomes, os de José M<sup>a</sup> Monterroso Devesa, Ângelo Brea, Iolanda Aldrei, Carlos Penela, Paula S. Vicente, João Valeiro, José António Lozano, Igor Lugris, L. Maçãs, Mário J. Herrero Valeiro, Pedro-Milhám Casteleiro, Carlos Figueiras, Táci Mancebo, Artur Alonso, Alfredo Ferreiro, e até o meu próprio, entre outros.

A variedade de registos e de poéticas já começou a ser grande nos 80, podendo estabelecer-se, logicamente, para além do ecletismo geral que acontece em todas as áreas dos países ocidentais, algumas breves linhas de continuidade temática e formalização comum no caso galego: no temático, a nova riqueza culturalista (que já estava em obras particulares, como a de Carvalho Calero), e não apenas no terreno literário e das leituras, mas ainda num espectro mais amplo da arte, e que corresponde à formação que começaram a ter os poetas dos 80; e no formal, o novo cuidado em ritmos, metros, estruturas globais, a própria preocupação pelo léxico e pela língua em geral, que corresponde já ao estudo e à prática monolíngue em galego (muitos dos autores são também professores de galego). Os assuntos universais do amor, do tempo, da morte, da natureza, da própria escrita, acharam agora plural tratamento sob uma ótica galega mais madura e informada quanto ao exterior e quanto ao interior.

Por último, caberia separar dos 90 e colocar quase exclusivamente no século XXI algum dos nomes representados na amostra que vai seguir, tendo em conta factores como a juventude ou a incipiência da sua produção literária, em casos como os de Carlos Figueiras e Oriana Méndez. Mas não existindo certezas acerca do que fica fora e do mais que está por ver e vir, o melhor modo de avisá-lo será com as vozes recentes entre as dos outros, depois de em precário tentar abrir-lhes a porta para o leitor a todos. O algarismo, este, continuará a sê-lo mesmo que acrescentemos traços, e talvez vertentes como o papel das revistas literárias, a história mais longa dos textos para teatro e do teatro (de que, por certo, temos presença de Manuel Lourenço, um dos grandes), etc., possam outro dia achar um espaço que hoje e aqui lhes falta...

# 2

## ANTOLOGIA

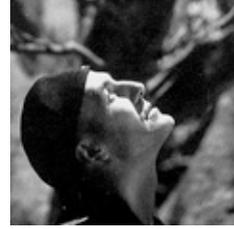
### Ana Romani(\*)



As posturas hínicas, o solstício como rémora,  
esse estar calados por se fosse água a estratégia.  
Os meus místicos andam orfos na trastenda,  
buscam lábios para o seu talento,  
desconfiam, urdem como aranhaeiras  
essa leve teia que abaneaia.

---

(\*) Ana Romani (Noia, 1962). Escritora e jornalista. Locutora da Rádio Galega, onde há vários anos que se ocupa do "Diário Cultural" (premiado por colaboração no labor editorial e por ter contribuído à Normalização Lingüística e Cultural da Galiza). Publicou os poemários *Palabra de Mar* (1987), *Das ultimas mareas* (1994), *Arden* (1998), o conto "Marmelada de amoras" (1997), e a *Antoloxia de Anton Avilés de Taramancos* (2003). Participou em diferentes projetos artísticos, entre eles "O Son da Pedra" de Milladoiro, "Daquelas que cantan. Rosalía na palabra de once poetas galegas", "Son Delas", *Lob\*s* (1998) com Anton Lopo, *Estalactitas* (2002) com Anxos Romeo e Lupe Gómez ou *Catro poetas suicidas. Intervención poetica contra a levidade* (2002).



## CUSPE

Ele afirma que malgastei o meu talento;  
ela, que som um talento malgastado.  
O meu pai sonha todas as noites que me estão a espancar  
e a minha mai aguarda com a Bíblia nas maos a notícia  
de que me botárom do trabalho.

Caetano está persuadido de que nunca serei um bom profissional,  
"tu és poeta",  
adverte,  
e nisso coincide com Alcalá que, nos momentos mais  
inoportunos,  
das celhas em arco crava os seus olhos nos meus

"rapaz, nom se pode ser tam poeta".

Mas, que som os poetas?  
Conheço gente que escreve versos e recita versos  
e se chamam poetas,  
mas eu na vida escrevim outra cousa que sangue,

---

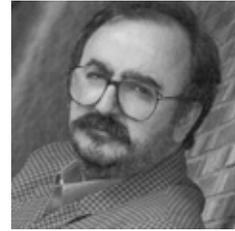
(\*) Antom Lopo (Monforte, 1960). Desenvolveu trabalhos no âmbito da música, a plástica ou o teatro, mas especialmente na escrita. Publicou, entre os seus livros de poemas, *Sucios e desexados* (1988), *Om* (1998), *Pronomes* (1999), *Pronomes* (1999), *Fálame* (2003). É autor do poemário oral *Prestidixitador* (Teatro Galán, 2001). Realizou com Ana Romani o espectáculo *Lob\*s* (Compostela,

eu nom recitei nada  
que antes nom se untasse em cuspe.

(de *Fálame*, 2003)

---

1999). Como narrador, *As reliquias* (1991), *O riso de Isobel Hill* (2000) e *Ganga* (2001). Coordena a secção cultural AFA e o suplemento *Revista das Letras* do jornal *O Correo Galego*.



## Pacto com o Fazedor

*A Inone Depretto, no esgoto de Liubliana*

### 1.

A geada deita-se nos cômaros na melhor tradiçom dum *ready-made* pactado com o Fazedor.

\*   \*   \*  
\*   \*   \*  
\*   \*   \*  
\*   \*   \*  
\*   \*   \*  
\*   \*   \*   \*   \*   \*   \*  
\*   \*   \*   \*   \*   \*   \*   \*   e assi sucessivamente.

O escrivám deitava a mirada nos teus olhos, e dormias mentres. Dormes ainda deitado/a nele. Abraça o teu corpo deitado e casa prósulas que inscreve na curva da nádega, irremediavelmente pletórico de afectos. A confusom derrama-se na doçura

---

(\*) Arturo Casas (1958). Professor de Teoria da literatura na Universidade de Santiago e autor de livros sobre história/teoria da crítica e poesia galega contemporânea, estética, semiótica do texto poético, como *La descripción literaria* (1999) e *Bibliografía sistemática de Teoría literaria* (2001). Editou três volumes de Rafael Dieste, a quem dedicou também duas monografias. Participou na edição de antologias de poesia estónia e irlandesa. Coordenou o volume *Elementos de Crítica literaria* (2004). Integrou a Equipa *Glifo* na publicação *Diccionario de termos literarios* (1998-2003). É autor de três livros de poemas: *Sombra de unidade* (1990), *Pedra de Nadir* (1995) e *Momentum* (1997).

do ser.

[TODOS: —Quanta angústia e erotismo!]

Pingotas agora, ilativas: • • • • • • • • ♥

*Corpo deitado, cantai.*

[TODOS: —Corpo deitado! A cadela na estrada!!]

(*Dasein*. Fulgor e golpe).

(A publicidade está a chegar) /... / (E chega).

## 2.

O anseio: ficardes vazios da escultura vossa. // A morte: infusom na doçura do nada.

ESCRITURA: CANTO: GLOTE, cuida o escrivám.

Esvaziará-se o vosso deus na lombada do seu fracasso? // E tu, amor, erguerás da estrada quando cante?, erguerás do leito? // Que hino vai soar?

## 3.

Na latitude das vísceras derramadas: existência, desvairo. *Litoral morto*<sup>(\*)</sup>. A confusom das musas no asfalto —km 73—: prósula vermelha que instala o acaso.

Cantai-lho aos que se deitam na inófia do ser doente.

[TODOS: —Corpo deitado! A cadela na estrada!! Um ready-made pactado com o Fazedor!!!]

---

(\*) G. Trakl: “um litoral morto em silencioso mar” (*op. cit.*).



## INTENÇÕES

Ceguei até ao ponto de escrever sobre o silêncio  
cheguei mesmo até ao ponto de nom escrever  
no nosso silêncio  
secular  
interminável.  
Pensei também fugir  
do seu silêncio  
e procurar outros caminhos nas palavras  
longe dos sotaques assassinos  
das palavras.

Ceguei até ao ponto de duvidar sobre as palavras  
cheguei mesmo até ao ponto de nom as escrever  
na nossa página em branco  
secular  
interminável.  
Pensei também fugir  
das suas vozes

---

(\*) Carlos Figueiras (Chantada, 1981). Afirma que “pretende ser simplesmente uma palavra, uma palavra que se escreve com <v>, com todo o significado que isto tem num sistema literário galego que vive de costas à lusofonia”. Membro do M.D.L. (*Movimento Defesa da Língua*) e da A.G.A.L. (*Associação Galega da Língua*), tem recebido, aos vinte e dous anos, os prémios “Caminho de Santiago” e “Certame Literário de Pinhor” na modalidade de narrativa, e o prémio de poesia “Vozes da Terra”.

e procurar outros caminhos  
além das suas palavras assassinas  
dos sotaques.

Ceguei até ao ponto de nom sentir neste silêncio  
cheguei mesmo até ao ponto de nom sentir  
na nossa impotência  
secular  
interminável

mas hoje já nom estou só com os meus sentidos silenciosos...

LUME!!

Pequeninos repousos de pranto  
de melro preto  
que espreita nos caminhos,  
crepitantes estalares de espanto  
de ululares de coruja  
que espantam aos meninos,  
inícios de labaredas que tanto temo  
do lume preto que trouxe o demo...  
que será que vocês figerom para sofrer a obscura dor do lume nos seus  
peitos?

Ecoares intensos de rás  
porcos bravos que fogem do silêncio  
e a minha voz berra no monte misturada  
com os seus grandes gritos anónimos

inocentes  
incessantes  
incandescentes  
no vazio!!

que será que vocês figerom para sofrer a obscura dor do lume nos seus  
peitos?

As cortiças caíram já dos meus olhos  
sanguinolentos...  
e esfolados estão hoje também os assassinados castanheiros,  
ensanguentados  
moribundos, sem cérebro e sem ossos, sem maos e sem cabelos,  
decapitados  
...invernos lentos  
primavera inexistente e sem abrolhos  
pretidom imensa no  
silêncio...  
que será que vocês figerom para sofrer a obscura dor do lume nos seus  
peitos?

**Carlos Quiroga**<sup>(\*)</sup>



Nasce a Oeste o fulgor da paixão no mar  
como nasce umha febre. Fascinam as furnas.  
Os nichos negros, o sal nos cabelos, dunas  
fumegantes de dorsos e ventos ondulantes.  
Pescam-se peixes abissais nos mergulhos.  
Expira-se Infunde-se Vibra-se Empalidece-se.  
De repente a rota das aves engasta redes  
e estilhaça-se verdes em lascas egípcias  
de obsidiana à beira frágil de um deserto,  
arde-se vulcanicamente. E desfalece-se.

\*

Poalha desfalecendo sobre garrafas de gim  
vazias. Vapor de água irrigando a deriva  
como naquele Inverno os sedimentos verbais  
nos canteiros áridos dos nossos dias tediosos.  
Palavras com limos a ionizar a terra de lava  
como um canto aos cantos, gotas furtivas.  
Telefonavas seguido a deitar sementes mágicas

---

(\*) Carlos Quiroga (Escaírom, 1961). Lançou várias revistas, como *O Mono da Tinta* (1987-1991) e é o atual diretor da *Agália*. Publicou *G.O.N.G. –mais de vinte poemas globais...* (1999), *Periferias* (1999, prémio Carvalho Calero de narrativa), e a primeira parte da trilogia *Viagem ao Cabo Nom, A Espera Crepuscular* (2002). Com uma obra de teatro premiada mas inédita, *bolsas da Gulbenkian*, do ICALP, da *Università Italiana per Stranieri*, um prémio extraordinário de doutoramento, colaborações dispersas em revistas e volumes coletivos, enfim, é atualmente professor de literaturas lusófonas na Universidade de Santiago.

e plantas embriagantes de gavetas de espuma  
cresciam-me invisíveis nas margens altas  
de Compostela. Na distância devastadora

que vai da boca ao ouvido por um fio  
enterrávamo-nos os dedos entre as vagas  
cruzando confidências impossíveis, cegos,  
chegámos a gemer lambendo aos gritos  
sussurrados, que prazer sermos delicados  
tantas vezes para descer da mão atropelados  
à caverna do vulgar, intercambiar salivas.  
Comer-te fóssil. Devorares-me sal. É isso  
de que afinal sempre se trata, o teu controlo  
do mistério agora toda mar no meio do mar.

\*

A tua nudez no altar do mar. Perfume do ar.  
Volúpia constelada de flechas apontadas. Balas.  
Eis-te agora assim abandonada sobre a toalha  
azul que a morna brisa aquece, e adormeces  
cartografia ginecomórfica, contorno em sal  
de umha ilha cálida de esparsa vegetação  
dourada. Algum Sebastian Münster desenhou  
aí a topografia afortunada e rara, trespassada,  
que se dá em prémio a navegantes deuses.  
Roteiro de todos os meus lemes na tua toalha.

(inéditos)

Chus Pato(\*)



Igual do que hoje naquela altura escolheria ser Marat.

Não poderei saber se Charlotte me atravessou o coração  
-a mão esquerda sustém ainda um pedaço de papel  
a direita a pena.

Charlotte atravessou-me o coração

Ela escreveu para mim estas palavras:

*“il suffit que je suis bien malheureuse pour avoir droit à votre mort”.*

*(Heloísa)*

\*

### **ASSIM A VOZ**

*(fragmento)*

[...] **Jonás:** Mas que fazia ela, lá no areal, sob pára-sol de estrelas?, tão anciã, com o seu biquíni e o esmalte das unhas desconchavado, com a sua pamelas esculpida como uma ninhada de corujas –como se a coruja empreendesse o seu voo ao empardecer– Aguardava a morte? Aguardava um herói patronímico, parvo e defunto, para que lhe separasse a cabeça do tronco? E, a ser assim, para que queria ela um lingote de ouro alquímico como preço? Porque cantava, enquanto destilava litros de gim, as canções da sua mocidade? Era aquele mar a Estígia, enquanto

---

(\*) Chus Pato (Ourense, 1955). É professora de história e autora de vários livros de poemas, tendo publicado, entre outros, *Urania* (1991), *Heloísa* (1994), *Fascínio* (1995), *Nínive* (1996, prémio Losada Diéguez), *A ponte das poldras* (1996), *m-Talá* (2000) e *Un Ganges de palabras* (antologia galego-espanhola, edição de Iris Cochón, Colección *Puerta del mar*, CEDMA, Málaga, 2003). É membro do P.E.N. club e das Redes Escarlata, que recentemente publicou o volume colectivo *Xuro que nunca volverei pasar fame: poesía escarlata*.

Califórnia ardia e Eurídice, a nova Eurídice, embarca? E Pentessileia: era varão Pentessileia? Que classe de varão? Era mulher Aquiles? A loura Marilyn e Tancredo e Clorinda? Quatro serão os meus progenitores.

**Dehmen:** Entro e saio do texto como quem entra e sai da Primavera. As minhas palavras são as palavras de Jonás, as palavras de Olaf. Não reconheço o mundo. Escrevo o "manicómio". "E com as entretécidas barcas, sulcávamos um mar enorme e agitado e o abismo povoado de monstros"

**Jonás:** Se bebes o limite estás no dilúvio. Pureza. A pureza não pode estabelecer-se. O livro é do acaso. No acaso está o Infinito. Se bebes o dilúvio. Se bebes a pomba. Se bebes a Arca, também a Arca e a promessa. E os filhos de Noé e a vinha –existiam as ogresas–

–tu constrói uma Arca que eu vou mandar um dilúvio  
e era o dia 17 do segundo mês, e as águas erguiam a Arca por cima das montanhas  
–porei um arco                    íris    as candeias exactas do solstício

Muito me sabe! Se devoras o poema, se o confundes com um cofre, com a múmia de Tutancámon. Se te envolves num papiro. Se te metes nele

**Nebamun:** Louvor para os defuntos

–Tu cabalga o lume, dentro está Sigrid, na casa dos incêndios

**Emínia:** Ficas da margem de Deus, no seu líquido amniótico

**Jonás:** Porque nós conhecemos sem atapetar a selva  
a barragem de gardénias represado

**Dehmen:** Tanta gente por matar, e eu tão falta de tempo!  
madre Natureza.

Adeus Lírica!

*Marquês* –Au revoir Manchúria!

(*m-Talá*)

\*

***DESDENHOSOS CISNES, COMO ICEBERGS***

Com o mar as naus, a maré inexplicável, os cetáceos estranhos  
as cósmicas reflexões dos filósofos no jardim aberto às Cícladas  
as profetisas do oceano  
os barcos até Armórica, Cornualha, Gales, Irlanda, Escócia  
a epigrafia das Burgas  
os mosteiros nestorianos, os *cupressos* de Salústio  
a elegância dum pórtico numa paisagem erma  
o negro sangue que avermelha no cárcere de Tréveris  
a doutrina dos Eons: Eucrócia, Prócula, Urbica, Hipátia, Trahamunda, Egéria  
Os minhotos peixes com letras e cifras de presságio  
o império do terror, a final desesperança romântica  
o coração de Bruce, o rei  
BE TOM ATRON SAMBIANA, ATRON DE LABRO  
o refluxo dum equador brasileiro, congolês, indostânico, malaio  
a metamorfose de Adónis-Atis  
o baile das damas  
a política  
a ciência  
as Investiduras  
a Dieta imperial  
a tiara das três coroas.  
Do Gulf-Stream as rápidas correntes  
e as feras sirtes e as ásperas rompentas

Assim é como eu imagino o paraíso  
o paraíso é um lugar murado  
no paraíso entra-se por osmose  
no paraíso estão as pombas e a rede que serve para atrapar as pombas  
há vegetação  
pode ser um ermo

um livro  
um caminho  
-nascer, nasce-se sempre em terra estranha

então o astro é dois  
Terrenal  
quadrado  
quatro

homenagem a Ramón Otero Pedraio  
para Xosé Luís Méndez Ferrín  
(*Fascinio*)

\*

para que esta beleza seja tens de imaginar um muro [(— é grande este muro) (— extenso)] de tijolo com contrafortes que reforçam o ritmo; defronte uma orla de verdura enquadra um portal destruído pelo tempo. Uma poeta maior realiza esta travessia todas as manhãs, as suas emoções são bastante / como o prédio que fecha o portão, desmanteladas pelo abandono. As dúvidas para ela têm a textura das passagens fundas e a respiração ténue de um boca-a-boca — isto a respeito do esforço mais ou menos poético?— não sabe se deve ou não continuar a arrastar este código pelos estreitos e serpentinos passos das montanhas ou se deve ou não perseverar com os exercícios extenuantes de salvamento e naufrágio, se deve ou não abandonar o que foi teima e justificação de vida.

agora coloca diante de ti um verdor muito suave (carricha) que cresce à volta das tampas dos esgotos ou geométrico quadrangular nas margens das lousas (é um passeio, não faz falta dizer). Nisto repara esta poetisa tão devastada como uma arquitectura (nenhum acanto, capitel, fuste, dórico) possivelmente o prédio — nº 15 da rua B, numa vila muito estranha, num país remoto — foi interrompido por uma desapareição, por falta de ânimo, de projectos ... pela corrosão dos anos. Logo um primeiro campo de geadas.

(inédito)



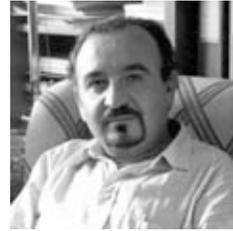
Que foi de Ifigénia?  
O silêncio fala ainda nos bosques de Áulis  
e a vergonha,  
não há quem veja os véus esgarçados  
no meio das silvas,  
nunca se abriu  
o claro na erva  
e tudo o que possas achar  
são restos da romaria  
do verão passado, como quem faz aceno  
de globinhos de cores,  
de copos de papel.  
Para os que sabem  
o sangue nunca cala, e a neblina  
tem ânsias de corpo fumegante, como o chio  
das aves,  
carregado de afónicos acordes:  
há como um eco de donzela no jeito em que as ondas  
lambem a areia,

---

(\*) Helena de Carlos (Barbantes-Cenlle, 1964). Doutora em Filologia Clássica e professora Titular de Filologia Latina na Universidade de Santiago de Compostela. Publicou os livros de poesia *Alta Casa* (1996) e *1999* (2001), alargando a sua colaboração poética em revistas como *Dorna*, *Olisbos*, *Festa da Palavra Silenciada...* Participou no documentário sobre mulheres poetas realizado por A. Quintela e emitido na TVG em 26 de Julho de 2000.

há como uma sombra  
de algo que foi.  
Mas ninguém tem já esse ofício  
de grande sacerdote, todos querem  
ser lembrados como o lavrador aquele,  
o marinheiro sem nome, o bom soldado:  
na realidade ninguém foi nunca nada,  
na realidade ninguém esteve aqui.  
Porque nunca pai nenhum fendeu o peito da filha  
para que os deuses comessem tão tenro coração  
e o mar acolhesse nos braços naves a eito  
e levassem no seio egrégios guerreiros  
a morrer infelizes às portas de Troia.

(inédito)



TRIGO LIMPO

Trigo limpo é o nosso amor,  
aprazível gramínea  
que enfarinha os dias,  
o pão de cada coisa,  
a voz grossa  
e lenta com que afirmo  
este nosso amor:  
trigo limpo.

RECONTO DESDE A CABEÇA

Não acerto a debuxar a vida prévia,  
não sei da cor dos lábios sem ti.  
Queimei os diários. Nada sei já  
nada me dizem os espelhos.

---

(\*) Henrique Rabunhal (A Corunha, 1962). Doutor em Filologia pela USC, Escritor e Professor de Língua e Literatura no ensino secundário. Autor dos poemários *Paixom e morte dum condenado*, *Poemas da luz e da loucura* e *O tempo demorado nos marmelos*. Como narrador editou *Epistolário em catro tempos* e *A fariña das horas*. A sua obra teatral está formada por *A noite das noites*, *Oratio Mare (O cântico de Orfeu)*, *Desesperados*, *Diálogo da Furoca*, *Maternidade*, *Do governo bipartito à autovia funeral*, *Louvor de Pero Meogo*, *Juízo a Curros*, *Amleth, voz e verbo*, *Mumias no país de Luzetro*, *Monólogo do fillo triste* e *O vento da morte*. É autor de várias monografias sobre teatro e autores como Murguía, Jenaro Marinhas del Valle, O Padre Sarmiento, Rafael Dieste, Luz Pozo, Méndez Ferrim e Carlos Casares. Autor ainda de uma edição de *O marinheiro* de Pessoa, tem colaborado em várias publicações da Associação Galega da Língua, *Actas dos Congressos Internacionais da Língua Galego-Portuguesa na Galiza* e outras publicações coletivas.

Não recordo se amei nem a quem,  
apaguei os nomes, não conservo pegadas.  
No filme da minha vida  
engendra-se um enorme retrato  
que se move no sonho,  
envelhece nas colecções de fotografias  
e fica paralisado nesta hora,  
aderido a ti,  
vestígio do que amo,  
templo meu,  
oxitocina que me leva a ti,  
poro a poro convulso  
no labirinto azul  
dos outros meus abolidos.

#### DIAS SEM AMOR

Amor é também o silêncio,  
a luz quebrada,  
os roteiros que não se unem.

Amor é também o infortúnio,  
os dias sem amor.

Amor é também a palavra vil  
agomando arroupada de distância.

Amor é também ódio e solidão,  
o naufrágio de tantos dias que hão-de volver,  
o teatro dum tormento,  
a soidade de cada quem,  
a amargura toda.

Os dias sem amor ensinam a vida,  
a sombra que tecemos os humanos  
no vulcão da indecisão,  
da dúvida perversa,  
dos dias que hão-de volver.



**INTRODUÇOM A NUR**  
(Homenagem a Uxío Novoneira)

*“CHOVE PRA QUE EU SOÑE...”*  
*Uxío Novoneira “Os Eidos”*

Nur é um mundo antigo que se encontra nessa cinzenta zona “morta” que nom se pode chamar, apropiadamente, nem centro nem periferia da Galáxia. A pesar de se encontrarem em lugares distantes, resulta curioso constatar as diferenças (tão marcadas, tão simétricas, que quase parece melhor chamá-las “similitudes”) que, no tocante a águas e sonhos, Nur apresenta face a um outro mundo nom menos antigo, situado num dos braços da espiral, que os seus moradores denominam Terra.

Ambos os mundos possuem mares, chuvas, árvores caducifólias, bípedes inteligentes e pálpebras, mas diferem notavelmente à hora de combinar tais elementos. Assim, os moradores de Terra costumam dormir a sesta sob as árvores caducifólias apenas nos dias claros e secos, enquanto os moradores de Nur preferem fazê-lo nos dias de chuva. E as razões destes comportamentos bizarros é

---

(\*) João Guisan Seixas (A Corunha, 1957). Como escritor publicou *Número de Patente* (1978), *Um Cenário Chamado Frederico* (1983), *Origem certa do Farol de Alexandria* (1990), *Teatro para Se Comer* (1997), *A Tábua Ocre de Núbia* (1998), *Teatro Instantâneo* (1999) e *Isto é um livro - Projecto Dicionário Vivo* (2003). Autor de numerosos artigos em jornais e revistas, actor, encenador e preparador de actores em grupos e entidades várias, a sua actividade tem-se desenvolvido também no campo áudio-visual (curtametragem de animação, escritor-locutor na RNE, escritor-director na TVE) e no desenho e artes gráficas. É ademais membro fundador da «Escola Dramática Galega» e da «Associação Galega da Língua (AGAL)».

preciso procurá-las nas diferentes características astronómicas de cada um dos planetas.

Terra pertence a um sistema simples e possui um único satélite próximo. As massas líquidas de Terra consistem principalmente numa dissolução, homogénea em termos gerais, de água e cloreto sódico. Tudo isto faz com que Terra disponha de oceanos mais ou menos estáveis, afectados apenas por leves oscilações periódicas chamadas “marés”, produto da conjunção das forças gravíticas do seu satélite e da estrela que ocupa o centro do sistema.

Nur pertence a um sistema duplo e carece de satélites. As suas massas líquidas são muito mais ligeiras que as de Terra por estarem constituídas por uma mistura de metano e água. Isto, unido a que a atracção gravítica que experimentam é maior e numa só direcção, faz com que os seus oceanos sejam frouxos e instáveis.

O mar de Nur, com efeito, não tem costas em sentido estrito, ou pelo menos costas fixas que se possam delimitar e nas quais construir portos e passeios marítimos. Toda a sua superfície é terra firme e fundo marinho ao mesmo tempo, praia e montanha, costa e interior. Os cartógrafos e as agências de viagens não fazem grandes negócios em Nur.

Bom, na verdade o chão do planeta não é fundo marinho e deserto rochoso exactamente “ao mesmo tempo”, mas sim em oscilações periódicas de tempo. Nur possui um único oceano, que para nada recorda a massa plana e pesada do de Terra. É um conglomerado informe, de um azul esverdeado, que se desloca sobre a superfície do planeta de acordo com o seu ciclo de rotação. Apesar de que, logicamente, a relação entre as marés (como acontece em Terra) deveria ser simétrica, entre o lado diurno e o nocturno do planeta, a leveza das suas águas faz com que não suportem a dupla radiação solar e que, mal amanhece, ao escorregarem para a face iluminada, se diluam no ar concentrando-se nas camadas altas da atmosfera em forma de nuvens opulentas de uma cor cyan algo deslavada. Em Terra, quando uma preia-mar se produz à meia-noite, outra tem que ocorrer fatalmente ao meio-dia. Nur poupa esta segunda graças à evaporação compassada com o ritmo das marés. Por sorte para os seus moradores, resulta daí que a relação de superfície seca e alagada é de uma igualdade absoluta, e o tempo em que a terra

se vê coberta pelas águas é exactamente a metade do dia, coincidindo, proverbialmente, com a duração da noite.

A cousa que mais surpreende ao visitante que chega pola primeira vez a Nur é precisamente a ausência de discotecas, pubs, e farmácias de guarda. Facto tanto mais surpreendente por quanto chegas a um planeta em que existem estradas, leiras, valados, casas de pedra, janelas de madeira, acne juvenil, escolas de Ensino Secundário e cremes dentífricas com fluor.

Ao declinarem os seus dous Sóis, todos os moradores de Nur se recolhem para as suas casas presos de um temor que quase me atreveria a qualificar de “religioso”. No correr da evolução da vida em Nur, as suas formas animais foram desenvolvendo diferentes mecanismos de adaptação a esta quotidiana inundaçom nocturna. As aves de mais altos voos desenvolveram uma extraordinária habilidade para criarem, graças a asas que se curvam formando uma concavidade de penas tépidas, uma espécie de borbulha de ar, que insuflam no seu interior proveniente de um reservatório pulmonar que se activa em condições de luz fraca. Desta maneira, uma vez criada a borbulha, que se sustém pola própria tensom superficial do líquido que a rodeia, as aves podem prosseguir o seu voo nocturno e mesmo aproveitar a força de arraste desta maré impetuosa para realizarem as suas migrações.

Este mecanismo nom serve, porém, para outras formas de vida que habitam rés de chão. A pressom dessa ingente massa nom permitiria a subsistência da borbulha. Tenha-se em conta que este plasma aquoso pode atingir, no seu momento de apogeu, vários quilómetros de altura, com um peso, apesar da leveza dos seus componentes, capaz de esmagar a mais sólida estrutura. Por essa mesma razom os moradores de Nur, ao contrário daquilo que acontece em Terra, têm boa precauçom de, antes de se deitarem, deixar portas e janelas abertas. Os ferrolhos, chaves e trancas, som desconhecidos em Nur, e longe de constituírem uma medida de segurança, se existissem só poderiam servir para suicidar-se. Durante a noite abissal que os envolve, nom haveria material nem parede grossa que resistisse a diferença de pressom entre o interior e o exterior das vivendas. O mar tenebroso acabaria por abrir portas e janelas, mas derrubando, ao tempo, paredes e telhados. Assim que, com o correr do tempo, foram descobrindo que, diante de

impossibilidade de conter a invasom nocturna dos oceanos, o melhor era facilitar-lhe o caminho.

Quando chega o momento, no cair da noite (que é o ascender do mar), esse líquido esverdeado que vai alagando o mundo, penetra com suavidade gelatinosa pelas janelas e portas. Vai invadindo, com uma determinação de cousa cega, as casas, cobrindo moradores e móveis de uma substância cristalina e húmida. Tudo isso num quase perfeito silêncio, interrompido apenas pola leve fricção das pequenas ondas e irregularidades que a sacodem, fruto da própria ligeireza e da enorme massa que a empurra, até se nivelarem as forças e ficarem as casas, ruas, praças, vales, montes, completamente cobertos, até o menor oco ou resquício recheio do mar que o invade tudo.

À diferença das aves que adejam nas suas borbulhas, os animais terrestres tiveram que criar um outro mecanismo para sobreviverem ao seu diário maremoto, mais parecido ao dos peixes de Nur, que nisso nom se diferenciam excessivamente dos de Terra e respiram simplesmente o oxigénio dissolvido no seu único e selvagem oceano. Ainda que talvez haja que matizar: os animais terrestres de Nur, e com eles os seus bípedes inteligentes, desenvolverom um mecanismo de adaptação parecido, antes que ao dos peixes, ao das rãs e demais batráquios, ou anfíbios em geral. A única diferença consiste em que, enquanto os batráquios apresentam respiração branquial e pulmonar em fases sucessivas da sua vida, os moradores de Nur vão e voltam de um estado para o outro uma vez ao dia.

Ao longo da evolução o seu organismo foi-se adaptando para aproveitarem o oxigénio gasoso da atmosfera, durante o dia, e o dissolvido na água, durante a noite. Desta maneira o seu metabolismo está adaptado ao ciclo da escuridade e a luz, ao ritmo do sono. Podíamos dizer, simplificando um pouco, que de dia respiram como mamíferos e de noite como peixes. Peixes adormecidos, peixes de pálpebras fechadas, peixes que sonham, peixes que nom sabem que o som. Por isso se entende o seu temor apocalíptico à chegada da noite e com ela à suba do mar. Acordar no meio da noite equivale a morrer. E, se os de Terra, quando querem dizer de forma delicada que alguém morreu, dizem em vez disto “fechou os olhos”, os moradores de Nur dizem que os abriu.

Mal os dous Sóis se ocultam trás as montanhas, antes que o manto da noite possa cobrir o mundo, começa a fazê-lo uma sombra líquida, uma espécie de ameiba de água que surge no horizonte, invadindo vales, montes, bosques, cidades e searas. Um mar nómada que vai varrendo a superfície do planeta em sentido contrário ao do seu giro, como um satélite viscoso e sem contorno, de tão baixa órbita que fosse lambendo todo o seu perímetro uma vez ao dia. No seu fundo os moradores dormem, bem aconchegados nas roupas das suas camas, que flutuam de leve, um pouco como medusas. A insónia é uma doença mortal em Nur, e os contadores de histórias e os programas repetidos de televisom som venerados como um bálsamo benéfico para as almas sem horário de encerramento.

Quando chega o dia, e só quando o calor de ambos os Sóis fere destemperadamente as suas pálpebras, os moradores de Nur abrem os olhos a essa luz duplamente deslumbrante (na sua ignorância de outros mundos, os moradores de Nur estão convencidos de que possuem dous olhos para poderem contemplar a luz dos dous Sóis, um com cada olho). Nada ficou molhado, pola escassa consistência das águas desse oceano. Se calhar, a maré nocturna pode ter deixado nas paredes ou nos barrotes das camas de ferro forjado, restos de algas, conchas, pedaços de madeira, garrafas de plásticos e outros detritos que o mar foi arrastado na sua passagem, e que eles limpam com o mesmo gesto cansado com que os moradores de Terra esfregam os olhos depois de despertar. Às vezes também aparece algum peixe morto nas poças que percurso do oceano foi abrindo nas praças térreas ou no pavimento mal asfaltado das avenidas. Peixes que eles observam com o terror de alguém que acaba de recordar um pesadelo. Porque, quando os moradores de Nur sonham com peixes ou com água, sonham com pavor que os estão vendo, como se as suas pálpebras tivessem adquirido a mortal transparência dos aquários.

As árvores som prognósticos adiados do tempo. Partes meteorológicos caducados que nos dizem com uma suficiênciã patusca: “aqui acabam de cair vinte litros por metro quadrado”. Durante o temporal as árvores protegem-nos da água, mas quando passa, as gotas que vão escorregando de folha em folha, com o ritmo próprio da árvore e nom da chuva, acabam por caírem sobre nós como uma

retransmissom de um aguaceiro em diferido. As árvores som sempre um oco no clima: quando chove mantêm seca a nossa cabeça, e quando serena a molham.

E isso igual em Nur que em Terra. E, por isso, ainda que pareça estranho, som tão contrários os costumes, a respeito da sesta, num e noutro planeta. Enquanto os moradores de Terra preferem os dias claros para dormirem a sesta à sombra das suas frondosas árvores, os moradores de Nur têm que aproveitar os dias de chuva e, uma vez passado o mais forte do temporal (que nom lhes permitiria andar pola rua, pois cairiam completamente adormecidos), gostam de se deitar sob as suas nom menos frondosas árvores, deixando a pele se empapar polo fino orvalho dessa chuva diferida, ao tempo que algumas gotas miúdas resvalam sobre duas pálpebras fechadas. Umas pálpebras com capacidade para duas noites ao tempo.

E por isso se entenderá porque digo que nom som, pensando-o bem, tão diferentes como parecem esses costumes. Porque, se uns dormem a sesta à sombra que projecta a luz do Sol quando bate nas folhas, os outros adormecem sob uma sombra que projecta também, trás a sua passagem, a chuva.

E por isso, de igual modo, nom resulta tão estranho que um poeta de Nur tenha escrito este verso sublime: “Chove para que eu sonhe”, exactamente igual a outro de um poeta de Terra, a pesar das distâncias astronómicas, as peculiaridades astrofísicas e as diferenças de grafia.

(Do volume inédito *Este Nom é um Livro de Ficçom Científica*)



## PÓS-MODERNIDADE

Esta é a minha resposta. Bem sei que pouco importa para as tuas ambições. Talvez até a consideres um triunfo a maiores. Porém, não suporto nem um instante mais. Foi excessivo. Sabias com certeza que me farias. E não só a mim. Durante anos foste testemunha privilegiada da simbologia e das funções do lugar. Mesmo ajudaste a preparar actividades, a limpar, a redigir materiais: a emblemá-lo. Levaste em mais de uma ocasião visitantes. Orgulhá-vamos. Conservávamos uma singularidade do país, da Europa mesmo. Havia que a cuidar, procurar que se preservasse. Na campanha das eleições propugaste aquela oportuna menção específica, na esteira do que tanto defendeste quando trabalhavas na oposição, quando pedias unidade de esforço com o único intuito de expulsar o conjunto de brutamontes culpáveis de tanto desgoverno e anunciavas novos modos de comunicação para resolver os problemas e encaminharmos para o progresso, aproveitarmos tantas possibilidades inexploradas, tantas potencialidades esbanjadas ou esquecidas, e aquilo era sempre o afortunado exemplo recorrente do abandono de mandarinatos de tantos anos, da restauração

---

(\*) Joel R. Gómez (Ourense, 1959). Jornalista em *La Voz de Galicia*, na década de 90 deu ao teatro títulos como *A Desforra*, *Data Crucial*, *Um Serviço Policial*, *Quanto vales tu, meu tentador?* ou *A invenção da Alvorada*, editados pela Escola Dramática Galega e a Associação Galega da Língua; para além de *A estranha e misteriosa história de Otunga e os otunguenos* (inédito). Na narrativa, *Quando o sol arde na noite*, *O fecho indefinido*, *Para um clima supremo* e *Sempre para a frente*. No âmbito da investigação, publicou *Fazer(-se) um nome. Eça de Queirós-Guerra da Cal* (2002), e trabalhos sobre a Literatura Galega e a de países de CPLP na Galiza; e é membro do Grupo de Estudos Galego-Luso-Afro-Brasileiros, Galabra, da Universidade de Santiago de Compostela.

pola açom popular, deixando todo pronto, com grande atractivo, assim se valoriza o património e se transforma em riqueza, as tuas palavras sintetizavam com acerto pensamentos de muita gente, espelhavam que havia em quem confiar para um futuro certo, bem melhor que toda aquela mediocridade com que buscavam amansar-nos, e assim chegaste ao poder, todos o celebramos, os primeiros dias de euforia, mudar umhas poucas peças foi suficiente para umha pequena revoluçom, a que ajudavam o teu estilo, vitalidade, juventude e beleza, os teus modos mais próximos, a tua dedicaçom. Por isso nunca imaginámos que podia acontecer algo igual, que cederias ao que transparecia como convicçom profunda e sincera, mas afinal caiste muito antes do que outros expedientes nom tam limpos e exemplarizantes, e nom, nom te deixo falar mais, já ouvim suficientes explicaçons, oxalá nom me deras nengumha, seria muito melhor, porque com cada palavra estraga-lo mais, e nom venhas com que a nossa vida, com que todo tem saída e os tempos mudam, com que nom houve protestos e só eu, ou um grupinho que nada representa, nos indignamos, que exageramos na nossa reacçom, que eu som especial e terei outras recompensas individuais e sociais, nom o podo consentir, sabes que agrediste a memória de geraçons, que furtaste o que era de todas e todos os antepassados, presentes e que estão por vir, que nada perdoará isso, eu polo menos nom estou em disposiçom de o fazer, preciso a vingança, espero que se amargurem as possíveis vitórias como tu arruinaste tanta maravilha, tanto esplendor, tanta presunçom legítima, e todo polas queixas de uns votos que nom viam bem futebol polo televisor, por nom apurar outras alternativas, por contribuir para a alienaçom em lugar da libertaçom, dixeste sim à primeira proposta dos de fora, que total eram umhas pedras, e ficou o monumento perdido para sempre, destruçado o pouso de séculos e as ilusons de tantos, e agora assim pobres, nunca mais poderemos levar lá ninguém, pois só transparece o insulto férrido, tributo à falsidade, à substituiçom do próprio polo alheio, à invasom cultural, essa que tanto criticaste em público e que tam fácil esqueceste nesta ocasiom e à qual eu vou corresponder desde agora mesmo com o maior castigo pessoal que podo impingir e que sei nom esquecerás ao conhecer o ensejo certo que o motiva, e por isso o comunico, esperando abrir ferida em consonância com toda a felicidade postiča

destes anos como este insuspeito reagir me demonstra, por falhar tam de verdade que cegaste todo o passado possível, todo o presente possível, todo o futuro.

Todo.



## **DIÁLOGO E MORTE**

Abriu os olhos,  
respirou,  
fechou os olhos:  
o mundo abateu-se sobre o fango do rio.

Triste sedução  
de rachar a vida  
como a folha do poema  
que escreveste ontem à noite,  
depois do café,  
e deitar os pedaços ao azar da brisa,  
com ar de borboleta preciosista.

Apaga essa imagem!

Cruzo-me no espelho

---

(\*) Lourenço Álvarez (Vigo, 1961). É professor de Língua e Literatura Galegas no ensino secundário, e teve uma carreira meteórica entre 1980 e 1981, com o prémio Castela de poesia e o Modesto Figueiredo de relato breve, publicando os relatos "RATP" e "O home pequeno". A partir dessa altura deu-se a uma vida social e literária pouco intensa, colaborando apenas na revista *O mono da tinta* (1987-1991), e escrevendo poemas soltos, relatos vários, alguns publicados em jornais locais. [Agora: um grande romance na cabeça, a desenvolver a partir de 2009 (2019?); e, isso sim, uma inestimável capacidade para discernir o aproveitável do simplesmente prescindível – acréscimo do editor desta antologia]

com a ácida visom  
dum transfundo desiludido de mim mesmo  
oferecido à música turva do passado.  
E nada mais.

Construo com os olhos umha opaca buzina  
e nom deixo que a luz me assalte.  
Regresso, furtivo, à cama,  
o rosto sonolento, os braços encolhidos,  
procurando o silêncio  
na quentura ainda viva dos lençóis entreabertos,  
tam recentemente abandonados.

A estridência do dia  
virá,  
mas nom ainda.

Fago do tempo um monocorde canto  
de sereias humildes.  
Fiuuuuu, fiuuuuuuu, fiuuuuuuuuuu:  
E agora que sentes? Fiuuuuu, fiuuuuuuu, fiuuuuuuuuuu.  
o vento da estepe.  
Varre a planura infinita, varre, varre.  
Nada fica; só umha gélida  
e inocentemente deitada superfície,  
limpa de mar a mar,  
onde todo é possível.

Quase temos o ambiente preparado  
para um conto de amor,  
para um poema:

E entom falar  
i  
a  
desses dous diminutos sons imperceptíveis  
(soledade e conforto)  
que estremeceram um dia  
sob a pegada firme-  
mente amolecida duns dedos ágeis  
todo um demoradíssimo e longínquo entardecer.

Foi ontem à noite  
(cinco minutos antes do café).



## ESTUDO DAS SOMBRAS

*A sombra participa da natureza da matéria universal.  
Antes pode estar um corpo sem sombra do que a virtude sem enigma.  
**Leonardo da Vinci.***

I

Enquanto o meu outro sol  
se instala no ponto certo das coisas  
desço sozinha o arpégio da luz rumo à nota mais grave,  
para o seu fundamento,  
o aroma onde medra a raiz do reverso.  
Nasce-me a boca a um sorriso de noite  
mostrando fragmentos de estrelas proibidas.  
Existe um lugar sem palavras, um obscuro zoar,  
uma voz indivisa  
  
e a vontade de entrar pela porta vazia que deixam as formas.

---

(\*) Luisa Villalta (A Corunha, 1957). Poetisa, tem proferido recitais e escreve livros como *Música Reservada* e *Ruído*. Também escreve narrativa, como *Silêncio, ensaiamos* (relatos) e *Teoría de xogos* (romance). Reflexiona sobre diversos aspetos da literatura nos ensaios *O don Hamlet de Cunqueiro: unha ecuación teatral* e *O outro lado da música, a poesía*. Algumas obras de teatro foram publicadas como *As certezas de Ofelia* ou *O paseo das esfínxes*. Preocupações com a cultura em geral e, particularmente, com a cultura galega, reclamaram a sua colaboração com artigos e ensaios em revistas como *Luzes de Galiza*, *Grial*, *A festa da palabra silenciada*, *A Trabe de Ouro*, *Página Abierta*, *Tempos Novos*, *Mundo Lusófono*, etc.

## II

O peso do corpo chegava-se à terra  
com a substância subtil de que se enche o desejo.  
A pergunta escoava no horizonte mortal,  
uma linha tão nítida como o teu corpo nu.  
O cansaço do sol era sempre passado  
que esperava detrás insistindo a chamada.  
Porém tu eras mais em silêncio.  
As palavras brilhavam nas moedas dos rostos.  
Porém tu eras mais, para diante de mim  
a minha silhueta alancava corredores de alento.  
Que me espera através do terror  
que alimenta o que ainda nos falta?

## III

Através deste bosque o som da vida tende um jogo de luzes.  
A esquerda e direita desencontram-se os braços da multidão  
que são só cabelos prendidos a essa hidra sem nome.  
Uma serpe segmenta um lugar que se move  
e eu sigo por ela.  
Através deste bosque uma máquina imita um vento desumano,  
os cabelos enleiam-se em cabos retóricos,  
descargas eléctricas que não me emocionam.  
Procuro a voz natural, o eco dum canto e a rosa do centro.  
O vento penteia este bosque parado em lanternas e postes.  
A luz artificial não nos deixa pensar que sonhamos.

## IV

Os meus passos mentais vão coalhando em espelhos:  
vejo-os vir para mim enquanto a mim se me escapam.  
O horizonte voltou-se circular

e as minhas vidas possíveis inventaram-me a estátua que estou,  
a múltipla sombra assinalando à volta  
para todos os pontos onde esperam as madrugadas.

V

A mão prolongou-se no enigma até ao fundo da tua,  
penetrou no teu corpo  
e procurou esse oco tão nosso onde o tempo não chega.  
Um cinto de sóis rebentou-nos por dentro.  
O meu olho na luz goza o teu privilégio  
sem que exista outro lado,  
sem o obscuro contraste do dia através das cortinas,  
junto às vozes dos outros, que passam.

VI

E passa a verdade sob estrelas cambiantes.  
Far-se-á tarde, com o frio da tarde e a morte do frio.  
Virão equivocadas gerações procurando um presente  
que foi, que será, mas que não se produz,  
um presente sem sítio no eterno cinzento do chão,  
nos eidos semeados de olvido.



## O PASSEIO

*Parque. Umha mansom.  
Duas Sombras, com sacas do lixo, a dar voltas em torno de umha  
estátua.*

UMHA. Uf, nom podo mais. Quantas horas levamos caminhando?

DUAS. As horas nom contam no nosso mundo. E tampouco é fácil fatigar-se.

Somos sombras. Pertencemos a outra dimensom.

UMHA. Pois eu estou moída. Para mim nada mudou com a morte. Continuo igual  
de estourada. Nom, pior. Antes, polo menos, tinha vícios. Agora, nem isso.

*(Senta-se)*

DUAS. Que é o que fás?

UMHA. Uf, nom podo com as pernas.

DUAS. Ergue. Quando vais aprender que já nom somos o que parecemos? E que  
haviam de dizer os colegas de nos surpreenderem toqueando em pleno  
parque?

---

(\*) Manuel Lourenzo (Ferreira do Valadouro, 1943). Deu-se a conhecer nos 60 com *O moucho*, e a partir daí desenvolve uma intensa atividade como ator, dramaturgo, diretor teatral, conferencista, tradutor e dinamizador de diferentes iniciativas teatrais. Funda os grupos e companhias *O Facho*, *Teatro Circo*, *Escola Dramática Galega*, *Compañía Luís Seoane*, *Elsinor Teatro* e *Compañía Casahamlet*. Trabalhos em rádio, televisão e cinema, coordenador de várias publicações de teatro, a lista das suas obras publicadas e/ou encenadas ultrapassa o meio centenar de títulos: *Traxicomedia do vento de Tebas namorado dunha forca*, *Viva Lanzarote*, *A noite dourada de Mimí da Cora*, *Nosferatu*, *Xoana*, *Defensa de Helena*, *A paixón de Brenda Moore*, *Adeus Madelón*, *Electra*, *Magnetismo*, *Veladas indecentes*, *O circo da medianoite*, *Últimas faíscas de setembro*, *Lionel*. *O malestar do benestar*, etc. O seu labor como escritor e diretor teatral recebeu inúmeros prémios. Atualmente é codiretor do estúdio teatral *Casahamlet*.

UMHA. Isto é um parque?

DUAS. E logo nom o vês? O parque da Mansom. (*Senta-se.*) Uf, uf.

UMHA. Tu também tens sono?

DUAS. Eu já nem sei o que tenho. Estou kaputt.

UMHA. Deve ser a falta de costume. Como somos recentes. (*Assobia.*)

DUAS. E agora que é o que fás? Por que assobias?

UMHA. Nom sei. É um vício que nom podó controlar.

DUAS. Continuamos? (*Ergue-se. No entanto, UMHA ronca.*) Agora a preguiçosa é ela. (*Espreguiça-se.*) Como falte muito para o lixeiro, vam-me sair maniotas nas perfebas.

UMHA. (*Ergue-se decontado.*) Continuamos? Já nom pode faltar muito. umhas seis horas, por aí. O tempo rende nesta dimensom.

DUAS. Sim, fai-se eterno.

UMHA. Se fossem horas das de antes nom passava de umha e meia. (*DUAS senta-se. Pausa.*)

DUAS. Tenho umha areia num sapato.

UMHA. (*Senta-se.*) Bem pensado, eu também.

DUAS. (*A esfregar os pés.*) Uf, que prazer.

UMHA. Que prazer... Continuamos?

DUAS. Venha. (*Erguem-se. Botam a caminhar.*)

UMHA. Onde estará o maldito lixeiro?

DUAS. Que lixeiro?

UMHA. O lixeiro do lixo. Qual, se nom?

DUAS. O que andamos a buscar?

UMHA. Pareces parva.

DUAS. (*Trás catar a direcçom do vento.*) Por aqui.

UMHA. Nom, por aqui.

DUAS. Seguro?

UMHA. Estava por aqui, detrás da estátua.

DUAS. Onde vês tu umha estátua?

UMHA. Havia umha estátua, juro-o.

DUAS. Bah.

UMHA. Que morra. É mais, acabo de dormir contra ela.

DUAS. Nom me digas.

UMHA. Había umha estátua. E isto era um parque. (*Desolada.*) Agora já nom sei o que é.

DUAS. Nom te deprimas. Vês?, ali está o lixeiro. Por fim.

UMHA. Que maravilha.

DUAS. Já pensei que nom dávamos chegado. E estava tam perto. Quase nom tivemos que mexer-nos.

UMHA. Neste lado do parque as cousas som assim de doadas.

DUAS. Fala baixo. Tenho um pressentimento. (*Silêncio.*) Acho que nos vigiam.

UMHA. Quem?

DUAS. Nom perguntes e esconde-te.

UMHA. Onde?

DUAS. Onde vai ser? Detrás da estátua.

UMHA. Onde vês tu umha estátua?

DUAS. Havia umha estátua. Estava aqui hai um bocado, juro-o. (*UMHA olha-a com desconfiança.*) É certo. Acabo de mijar contra ela.

UMHA. Porca.

DUAS. Juro que havia umha estátua. E isto era um parque. E ali, ao fundo, a Mansom.

UMHA. Seria um parque hai umha eternidade. Agora, o que é que vês ao teu redor?

DUAS. (*Depois de olhar um bocado.*) Nada. (*Um silêncio.*) Entom, estamos sozinhas?

UMHA. Completamente.

DUAS. E eles?

UMHA. Quem som eles?

DUAS. Eles, os moradores da Mansom. Os nossos companheiros. Eles ham-de estranhar-nos, se nom voltamos. Pensarám que quigemos fugir com as nossas bolsas cheias de excrescências. Punirám-nos por tê-los atraído. Levarám-nos aos calabouços. Tenho medo. Tenho medo.

UMHA. Eles já nom nos podem fazer mal. Estám fadados, como nós.

DUAS. Falemos baixo, por se acaso.

UMHA. Escrupulosa.

DUAS. Nom. Prudente.

UMHA. Sabes umha cousa? Vai ser melhor deixar as bolsas onde caíam e voltar para a Mansom. (*A Mansom começa a se iluminar como se fosse um dia de festa.*) E nom me venhas com escrúpulos. Nom vejo eu que mal podiam fazer-lhe ao parque um par de bolsas mais ou menos.

DUAS. Cheiram.

UMHA. E quê?

DUAS. Contaminam o ambiente.

UMHA. E a nós que nos importa o ambiente?

DUAS. Afeiam a paisagem.

UMHA. Total, para o que servem as paisagens.

*Toca um sino. Elas ficam paralisadas.*

UMHA. O sino chama-nos para o jantar.

DUAS. Vai tu. Eu nom tenho fome.

UMHA. Covarde.

DUAS. Ademais, estou paralisada.

UMHA. Eu também. (*Espreguiça-se.*) Arriba.

DUAS. Nom.

UMHA. Arriba, dizem.

DUAS. Nom insistas. Som um vegetal.

UMHA. Bem pensado, eu também. (*Um silêncio.*)

DUAS. Entón ficamos?

UMHA. Ficamos.

*Abraçam-se à estátua.  
Ficam, elas também, estátuas para sempre.*



que nom fique esterco  
nem pegada da pátria  
na palavra que ergas  
contra a desolaçom  
que traz a distância

que a tua boca nom se encha de terra  
quando tenhas que falar da luz

que a luz seja a fenda que abra a penumbra  
que nos separa

que os farrapos se perdam na aldrage do seu próprio sangue  
que os cadaleitos os acolham impondo-lhes a dor do sacrifício  
a dor de abrimos os olhos dos crânios dos cadáveres  
e saber que ante o estremeçedor vazio destes cantam as máscaras de espinho  
contra a lousa ante os antergos e os espelhos feita a sua voz de carrage  
cantam espetando-nos a mentira dos mortos raiolantes de vieiros e inimigos

que da cinza dos hinos

---

(\*) Marcos Abalde (Vigo, 1982). Está concluindo estudos de Filologia Românica na universidade de Santiago de Compostela e atualmente, ao amparo do programa de intercâmbio Erasmus/Sócrates, estancia em Roma, na universidade italiana La Sapienza. Tem publicado textos dispersos por revistas e suplementos literários. Participou na XVIª e última edição do Festival de Poesia do Condado em Salvaterra de Minho.

nasça o canto da estirpe

longa morte aos autóctones

viva o verso que se estende

como bandada de pombas libertadas para ateigarem o teu peito como leníssimo

lóstrego que desemboque

em ti

restaurando a memória

dumha nova claridade sem retorno

dum novo clamor sem retorno

derruindo os muros ergueitos trás os mastros

estrondando o teu nome verdadeiro

recuperando a palavra esquecida que nos fai imensos

para amanhecemos de entre os escuros labirintos

que as nacionais sílabas dos epitáfios nos cravam

mas sem conseguir afundir-nos na elegia

que entre dentes e estrelas raivosos ouveam

nunca

nunca este poderá ser o nosso reino

porque jamais o nosso reino poderá ser aterrador

porque jamais o nosso reino poderá ser aterrador

## Maria do Cebreiro<sup>(\*)</sup>



### EUROPA

Países de uma união que foi a força, mas também aquele pai,  
flechas dentro de um feixe  
e as árvores caídas quando findou a guerra.  
Três irmãos caminharam até ao leito por menos  
e lá foram às mãos  
até que o pai falou das suas mulheres  
(itália e alemanha):

europa era a menina raptada por um touro  
nos campos de centeio. Pensei eu,  
dama triste, que só danças com os pés,  
berlim desamparada, toda andaimes e redes.  
Os guindastes queriam levantar-te,  
tu perdias o cós nos muros altos.  
A cabeça e os braços prendidos com a sogá  
a um invisível potro de tortura,  
cicatrices ou *mädchen* que desfilam  
ao compasso da música industrial.

---

(\*) Maria do Cebreiro (Santiago de Compostela, 1976). Poeta, tradutora e investigadora no âmbito da Teoria da Literatura e da Literatura Comparada. Tem publicado poemas e artigos sobre poesia em diversas revistas como *Dorna*, *Grial*, *El Extramundi*, *Anuario de Estudios Literarios Galegos* ou *Lectora. Revista de Donas i Textualitat*. É autora dos livros de poemas *O estadio do espello* (1998) e *(Nós, as inadaptadas)* (2002). Coordenou as antologias *A poesía é o gran milagre do mundo* (2001) e *Damas Negras* (2002), que inclui textos de músicas afro-americanas cantadas por mulheres.

Cingi-te um pano branco na cintura  
e arrolei o teu sangue.

Nem assim, minha besta, te soube comover.

### WILDERNESS

A minha apologia do deserto só pode ter lugar  
numa língua estrangeira (a estrangeira sou eu:  
a língua não é minha). Ela diz essa palavra  
que nos lábios se volve lume azul:

“Sou apenas a sombra dos cavalos que passam,  
uma raiz que dança contra a erva”.

A imperatriz pergunta-lhes às feras: como dizedes vós  
a palavra *silêncio*? Com as garras, a panteira  
assinala para o pão, assinala para as árvores  
que deitam as maçãs, como tanta miséria em fonte  
de ouro. Só há cegos, no deserto.

O sol impede o trigo e a luz faz-se,  
mas sem obediência. Como se o metal fosse  
a última qualidade não visível do ar.

“Se não matas o rei, serás matado.

Que tu me viste nua, e eu era o teu deserto.

Não podes escapar: ou resistes na areia, sem comida  
ou resistes em mim, contra o meu corpo”.

Os santos vêem Deus nas águas baixas.

Vêm o rio na seca, escoando ligeiro  
como as linhas brilhantes que no mármore  
escrevem o seu luto. “Vem a mim, que esta fome  
já não me deixa ver. A minha mente curva

o que temem os olhos. Deus pega-me a cabeça entre as suas mãos.  
Silencia-me e assopra no vazio. O vazio esvai-se.  
Diverte-se com as feras. É feroz. Alguém passou berrando:  
*não existe*. Também eu quis acreditá-lo. Tinha fome”.  
Os que vêm têm fome. O deserto é a fome.

**Miro Villar<sup>(\*)</sup>**



(foto de Manuel Álvarez)

## A DERRADEIRA OLHADA DE JOHAN CARVALHEIRA



Agora o sei. Foi durante a pantomima do Conselho de Guerra. Nesse momento observei por vez primeira desde o início do conflito aqueles olhos tristemente azuis. Contudo, a celeridade do julgamento nom me permitira mais que um fugaz cruzamento de olhadas, porque Ele nom participava directamente da farsa e Eu nom tivemos tempo para lhe falar ainda que fosse só com a olhada. Pouco importava que nos conhecêssemos de velho, de muito atrás.

Agora já o sei. Ambos o sabíamos. Ainda assim nom foi quem de manter-me a mirada e nas décimas de segundo em que o fiço soubem que estava a ronhar-me caladamente, a ronhar-me polo meu compromisso e a ronhar-me por ter participado na defesa da República.

Curiosamente, os dous tínhamos chegado a cumprir os nossos objectivos. Eu recebera o nomeamento unánime como alcaide do concelho no recente mês de

---

(\*) Miro Villar (Cee, 1965). Professor de língua e literatura galegas no ensino secundário, poeta, narrador, crítico literário e tradutor, forma parte do Batalhom Literário da Costa da Morte e do conselho de redação de revistas e editoras. Como poeta é autor de *Ausencias pretéritas* (1992), *42 décimas de febre* (1994), *Abecedario da desolación* (1997, prémio Tívoli-Europa 1998) e *Equinoccio de primavera* (Esquíó, 1998). Como narrador recebeu nos anos 1985 e 1987 o prémio de relato curto Pedrón de Ouro por *Augas de silencio* e *Verbas cruzadas con Amaranta* (1987/1988), e a *Curuxa Literária* do Museu do Humor de Fene. Na literatura infantil publicou *Carlota, a marmota* (2000). Participou em numerosas revistas, antologias, volumes coletivos, congressos e jornadas literárias, publicou várias edições críticas ou comentadas.

Março e Ele vestia um uniforme gasto em que estavam cosidos os distintivos próprios dum Tenente de Assalto.

Qualquer poderia dizer que ambos os dous ganháramos e, por paradoxo do destino, ambos os dous fôramos derrotados na mesma partida. Assim foi e os olhos apenas falarom.

**FUEGO!**



Quando voltes, nom virá a memoria contigo,  
deixará-la alá longe,  
e nom saberás que estou no Eume, evocando Ofélia,  
rodeada de assassinatos, borboletas mancadas e algunha mai que, ainda  
morta, nom conhece o sonho.

Nom virá a memoria contigo,  
serás um Ulisses alheio polas tuas ruas ateigadas, para ti vazias.

Procurando-nos sem saber que estamos todos no Eume,  
evocando Ofélia, rodeados de borboletas mancadas.

Porque vinheche sem pasado, como umha sombra etérea  
que nom pode entender nada desta cidade transparente.

Nom virá a memoria contigo porque a memoria é um buque  
que nom se alvisca desde qualquer porto.

---

<sup>(\*)</sup> Oriana Méndez Fuentes (Vigo, 1984). Na actualidade está a seguir estudos de Filologia Galega na Universidade de Santiago de Compostela. Pertence à organização sociocultural *Redes Escarlata*, e participou no livro coletivo da mesma, *Xuro que nunca volverei pasar fame*. Também colabora regularmente na revista *Caramuxa*, do *Colectivo Sacou* de Noia.

*"Quen sobreviva á amada  
Arranque os ollos".  
Xabier Cordal*

Eu penso:

irei morrer onde o umbigo do feitiço, onde o vulcám.

irei morrer ali, cidade dos meus desertos e dos meus oceanos,  
dos mortos e dos vivos que luitam para morrer,  
dos desequilíbrios.

Irei morrer ali, onde os teus guindastes e fábricas desfeitas,  
porque é aqui onde devo viver.

Ainda nom te entendo, nom sei que tenho que pensar das tuas casas altas,  
das ruas destroçadas, das serpes nas tuas pedras.

Ainda unicamente sei que jamais serás soterrada.

**Paula San Vicente Pellicer<sup>(\*)</sup>**



Com ela chegou tudo. Com a chuva. Cair e abraçar a terra como abraça a semente. E romper. E mudar. E começar de novo.

Quando ela nasceu a mãe andava a trabalhar na horta, na terra. Quando ela nasceu, a Rosa, a mãe pensava nela enquanto olhava para a terra. Quando a Rosa nasceu, ela, a terra era Abril. Era Abril em todo o campo. Era Abril em toda a terra. Toda a terra era Abril. Quando a Rosa nasceu a terra rompeu águas, e a mãe confundiu a chuva a resvalar pelas pernas com as águas que dela rompiam. A mãe da Rosa que tinha o gosto do mar. A mãe de Rosa sentiu as águas mornas pelas pernas nuas e tirou o seu olhar da terra para deixá-lo crescer até ao céu. E lá, no céu brilhante de chuva, quase branco de nuvens de Abril, olhou ainda a cor da terra quando chove, olhou para os olhos dela. Por isso a Rosa tem os olhos de terra húmida, e os seus cabelos, que sempre levam depois o sol, têm o cheirinho antigo e doce da terra anunciando a fruta, leves como as pétalas das cerejeiras, brilhantes como o céu e a erva e a mesma luz.

As rosas floresciam no sul. E talvez fosse de manhã, por isso a mãe, respirando fortemente num instante de dor, pensou na cor das rosas e no cheiro que violentava de açúcar os seus sentidos, e disse então a palavra rosa, e depois foi Rosa.

---

(\*) Paula San Vicente Pellicer (A Corunha, 1963). Licenciou-se em Filologia Hispânica pela USC e atualmente está concluindo também a especialidade de Português. Trabalha em publicidade no jornal *La Voz de Galicia*, tendo militado e participado, dentro do movimento reintegracionista, em diferentes grupos poéticos juvenis a ele associados. Em 1998 a Editorial Caminho publicou-lhe em Portugal o livro de poemas *Gatos a lápiz sem ponta*, e acaba de ganhar recentemente o XII Certame “Manuel Murguía de Narracións Breves” com “As idades dela”.

A Rosa nasceu com a suavidade dum ovo, com a facilidade húmida dos peixes, com a espontaneidade simples da carícia dum polvo. E o mar estava perto. E o mar, todo presente, achegou o sal. E com o sol e o sal brotou o sorriso.

Do outro lado da Terra, na noite da floresta, os pirilampos procuravam a luz, recém nascidos. As lulas acudiam por milhares ao chamado do esperma e da vida, as baleias cantavam numa língua antiga que inventaram as mães e um homem mergulhava no mar na procura absurda de pérolas no bocejo antiquíssimo das ostras.

Deste lado da Terra não era noite. Havia uma criança a sair da escola sem amigos e talvez uma mulher a olhar para o mesmo céu brilhante que olhou a mãe de Rosa, mas viu apenas chover e uns pássaros cansados voarem para a direita. Havia também umas lágrimas, como bocadinhos de mar, a atravessar a imensidade dum rosto seco e velho que não lembrava gemer.

A Rosa nasceu com a facilidade com que o mar entra nas covas guardadas pelas anémonas. A Rosa saiu da mãe com a facilidade alegre e peixe com que mergulham os homens no corpo marinho das mulheres.

A mãe de Rosa sentiu sair a filha e viu os olhos da terra a olhar nos seus olhos. Não soube nada mais, porque elas eram tudo. E nada havia para além de aquele instante. Todos os passos da filha estavam por fazer e ficavam grandes nos pezinhos miúdos e macios que agora beijava. Todos os rostos que ia acariciar cabiam nas mãozinhas de dedos longos da criança, ela não os conhecia, e porém ela era agora todos os rostos e todos os caminhos. Ela era todos os lugares, e todos os destinos.

Com ela chegou tudo. Com a chuva. Com a Rosa. E então os pássaros mudaram o rumo. Todos os pássaros mudaram o rumo e atravessaram o céu em grandes bandos. Os peixes desenharam e pintaram de cores as arestas todas do mar e viraram mil vezes na dança dos cardumes. Os cabelos da Rosinha ficaram iluminados para sempre diante do sol. A chuva brilhava verde e vertical. As lulas manaram a miragem do amor na azulidade profunda do oceano. A mulher da janela resplandeceu ao ver os pássaros e a criança da escola que saudava e corria para os braços abertos sempre abertos. Nesse instante quase peixe quase luz, nesse instante de mar e terra molhada, começava mais uma vez a vida. E ela abraçou à

Rosa como a semente abraça a terra, e todos os pirilampos da floresta alcançaram,  
mais uma vez, a luz.



## NOVAS DE MARÇO PARA MONCHO VALCARCE

Com que permissu explode a flor do dafne  
e eu atendo ao rumor do corazón  
–um feixe rápido no cofre do seu peito?  
Ambos sobrevivemos na inconsciência:  
a minha custa mais.  
Porque desfecho os olhos  
e umha flor de cancro e sangue aferra a entranha do mundo,  
um *polizón* adentra-se nos ancos mais recônditos do barco,  
e nom sabe que de nada ham de valer os urros e o terror-  
e outro é um farrapo de vísceras que vomita o ventre dum aviom  
mentres polas ruas de Basora e Bagdade caminham mortos em vida  
e a mao que alça umha pedra em Gaza é umha mao morta em vida  
e as caveiras desenham nas faces  
a sua geometria perfeita e implacável.

---

(\*) Pilar Pallarés (Culheredo, 1957). Licenciada em Filologia Galego-Portuguesa, é professora de Literatura Galega no ensino secundário. Obra Poética: *Entre lusco e fusco* (1980), *Sétima soidade* (1984, prémio *Esquio* no 83), *Livro das devoracións* (1996, prémio da Crítica Galega e da Crítica Espanhola), *Poemas* (2000). Participou nas publicações coletivas *De amor e desamor* (1984 e 1985). Ensaio e crítica: *Rosas na sombra (a poesia de Luís Pimentel)* (1991); trabalhos sobre Carvalho Calero, Rosalia, Seoane, Dieste, Manuel-António, problemas de género e escrita, Cunqueiro, etc. Colabora regularmente no semanário *A Nosa Terra*.

Também morde a geada as pétalas do dafne  
e alguma madrugada obstrói o coração.

\*

I

Som de novo eu voltando, despiadada,  
femme Lazare ainda,  
aterecida boca que reclama alimento  
de fora.

Deveria odiar-te porque já nom me basta com o meu sámago?  
És tu ao fim quem volta, a minha carência,  
o meu braço amputado que já fere.

Tens outro rosto, é certo, e mudárom as formas do teu corpo.  
É tam meu que a duras penas nele me reconheço  
eu –senlheira e poderosa,  
morta, dona de mim.

Deverias saber que nom che podo dar o que precisas.  
Nom creias no meu sorriso, porque nom tenho poutas,  
nem dentes,  
nem umha língua ávida que se sacie de vida.  
Talvez seja branca e tépeda aos teus olhos,  
mas fum eu quem ceifou as flores do jardim  
–a prisioneira–  
quem cegou os mananciais e se tapiou  
numha cámara despida.

Pedes que seja fonte  
–e som a sede.

II

como regresso àquele vazio sem ausências?  
um bosque cresce em mim  
cega-me os olhos um berro de aves lentas  
um violento arrecendo doutros marços

fingim um sono longo  
como a respiração dos animais de baixo-terra  
pesadas pálpebras evadidas à órbita inconsciente dos planetas  
e um universo que explode abre o leito dos rios  
reinicia o mar

por dentro alimentava-me de mim  
o meu cálcio o meu fósforo  
a teimosa criação de novos sonhos  
a carne maleável da minhoca  
os meus vermes de luz para habitar o escuro

jazim  
tam bela como naquela cidade ardida muitas tardes de agosto  
mas por dentro atravessavam-me as raízes  
e o sangue reclamava, reclamava

podo fechar os olhos  
podo ser femme Lazare que desouve a chamada  
enrolar a espiral  
amordaçar-me



## **rastros de mar**

1

debulhar com silêncios  
as raízes deste mar

todo ele sombra  
todo ele nós

mar  
encalhado no tempo  
golsando frio e usura

2

como aliviarmos os olhos  
desta paisagem atroz  
que nos manca?

como cuspirmos as lascas da dor

---

(\*) Rafa Villar (Cee, 1968). Licenciado em Filologia Galego-Portuguesa pela Universidade de Santiago. Foi cofundador do Batalhom Literário da Costa da Morte e da editorial de poesia Letras de Cal. Na atualidade forma parte da diretiva da *Asociación de Escritores en Língua Galega* (AELG) e da *Xestora Nacional da plataforma cidadá Nunca Mais*. Obra poética publicada: *Liques da memoria* (1993); *O devalo do mar* (1994); *No mesmo espacio* (1995); *A sotavento dunha singradura* (1995); *O tributo da tarde* (1997); *casa ou sombra* (1997); *ícaro* (1999 e 2000); *días de sherazade* (2000); *memoria de ahab* (no prelo).

quando o que sangramos  
é espanto?

como naufragarmos futuro?

3

indicaria com o dedo  
que hai homens detrás da culpa  
tingidos de mentira

governos falsários  
e um capital faminto das suas ruínas

com o dedo indicaria também  
um ronsel no horizonte  
que terma de nós

4

esqueceria  
se me fosse dado esquecer  
tanto desatino  
que nos deixa à intempérie

se me fosse dado  
fazer da memória  
umha enorme baleia branca sem feridas

5

para os que abraçam a sua impunidade  
confiadamente  
e manhã voltarám  
com a sua chuva de alfinetes

um aviso:

nom hai cantil  
que suporte tanta infâmia  
ao descoberto

6

depois  
armando os dias  
como un sopro terrível  
beberemos do mar  
o seu devalo

até escrevermos nas ondas  
*aqui era o inferno, meu capitám*

7

tripada a náufraga memória  
no fundal de nós  
ficam rastros

o mar

o mar que se reinventa  
para salferir em nós  
mais mar

(inédito)  
Janeiro de 2003

\*

**memória de ahab**  
**(fragmento)**

este foi  
o lugar eleito polos dinossauros  
para extinguirem-se

e chamou-se terra

---

depois de tanto babel,  
como explicar  
que já só dizemos  
silêncios?

---

no nosso inventário de cousas vazias  
haverá um lugar  
para esse oceano que aramos

geraçom após geraçom

---

dizer  
com palavras resgatadas da intempérie  
que nom hai viagem

que ulisses  
nunca voltará aos oceanos  
tripulando a sua própria soidade

que nós éramos  
o pó levantado de umha terra ao paio

---

porque  
esta é a memória de um dilúvio

apenas mar

(Do livro *memória de ahab* –no prelo)

\*

**a noite** aponta  
sobre Bagdad  
mil e umha sombras

até os gatos  
fogem dos telhados traidores

quantas crianças  
pronunciarám hoje o terror  
na sua insónia!

quantas vidas  
apagarám a luz  
para nom voltar mais!

sobre Bagdad  
a noite aponta  
mil e umha sombras

e nom nascerá um novo dia

(inérito)  
janeiro de 2003



### **APENAS UM NOME**

Nom encontrava a razom pola qual umas noites o sono fugia dela enquanto outras a perseguia sem piedade. E nem sequer essas razons lhe pareciam importantes, o mais importante era que depois da insónia vinham os dias de moleza, arrastando-se polas horas como um réptil esmagado. Por isso, às vezes tentava a heroicidade insuperável de desprender-se dos lençóis depois de duas ou três horas de sono, e chegar à noite seguinte vencendo a insónia e ficando dormida no mesmo momento em que a sua pele tocava a seda dos lençóis. Assim levava os últimos três meses, e assim também a denunciavam as olheiras negras e uma palidez enfermicha que nom podia apenas dissimular com a última moda em maquilhagens.

Nom atribuía tal estado de inconstância ao abandono da sua última companheira, nom pensava nisso porque ela ainda a acompanhava polas noites, metendo-se na cama ao seu lado e fazendo-lhe o amor mui suavemente. Precedia à sua chegada o som doce do guizo que levava no cabelo, na sua longa melena escura e encaracolada. Metia-se na cama ao seu lado com movimentos em tal maneira leves que nom a acordava. Continuava a dormir, e assim incorporava ao sonho as carícias que começava a oferecer-lhe, fazendo-lhe cóxegas no ventre e na cintura

---

(\*) Raquel Miragaia (Tardade, 1974). Desde os 17 anos morou em Compostela, onde se formou em Filologia Galego-Portuguesa e Filologia Hispânica, em contra de qualquer critério práctico. Concluídos os estudos, começou a trabalhar como professora. Escreve desde que tem consciência, mas só com critérios de "profissionalidade" a partir da sua primeira, e por enquanto única, obra narrativa, *Diário Comboio* (2002).

até que ia acordando. Quando recuperava a consciência abria os olhos todo o que podia para apanhar aquela imagem, o rosto de Patrícia, com uma expressão de prazer antecipado. Entom, virava-se na cama e oferecia-lhe o seu corpo como material de laboratório: "toma, investiga nele o que ainda nom descubriche". E Patrícia investigava, deslizava as maos desde os olhos até os tornozelos, tam lento e tam leve que lhe arrancava tam só um pequeno tremor de calafrio, para voltar depois a percorrê-la, parando-se entom nos pedaços de carne que a desequilibravam. Acariciava-lhe os mamilos afiados e endurecidos numha posição ameaçadora, e nesse momento, assomava a sua língua pequena e ensalivada e aproximava-lha ao pescoço. A pele reagia e ela começava um vaivém pélvico que acompanhava a humidade. Patrícia compreendia. Abria-lhe as pernas com força e introduzia um dedo entre a penugem, procurando no meio daquela mata a sineta misteriosa e mágica que a ia levar até o orgasmo. Um dedo sábio começava a mover-se descrevendo círculos concêntricos, parando-se de vez em quando para prolongá-lo, e quando os gemidos aumentavam, introduzia a sua cabeça e a língua que a lambia fazia confundir a saliva com os líquidos sinalizadores.

Nom, apesar de que Patrícia já nom estava, ela continuava a voltar todas as noites e entretinha a sua insónia com um prazer que tinha algo de invenção, mas que sabia real porque o seu corpo nom podia enganá-la dessa forma.

Acordava com o cheiro a torradas pondo-lhe em actividade o estômago. Erguia-se depois de cinco ou dez minutos recriando-se no cheiro a torradas e a café que vinha da cozinha. Estando assim intuía Xico movendo-se dum lado a outro e preparando a mesa para quando ela chegasse. Xico tinha a sensação de que a única forma de conquistá-la era mimá-la, sobretudo nos três últimos meses. Ultimamente esforçava-se por fazer tudo sempre, e deixar que ela se recriasse na sua lassitude, deixando passar o tempo e a vida.

-Hoje voltei a sonhar com a Patrícia.

-Afinal, essa Patrícia vai existir.

Estava certa de que Xico desconfiava, estava segura de que Xico a espiava pelas tardes quando nom tinha trabalho. Ia até ao seu escritório para convidá-la a

um doce ou a um chá, mostrando essa parte carinhosa e atenta que nunca tivera. Mas era inútil que a procurasse para topá-la com Patrícia, Patrícia chegava só às noites e desaparecia de manhã antes que acordassem.

A primeira noite que sonhou com Patrícia contou-lho a Xico e estiverom horas a rir, especulando sobre as suas possíveis tendências lésbicas e aproveitando aquela fantasia nos jogos de sedução. Mas o sonho repetiu-se, repetiu-se muitas noites e soubo por Xico que ela pronunciava em sonhos o nome de Patrícia no meio de suspiros apaixonados.

-Como é ela?

-É um nome.

-Mas, como a vês no teu sonho?

-É alta e magra, tem uma cabeleira escura com um guizo. É o único que vejo.

Patrícia era apenas um nome que a fazia gozar polas noites como nom tinha experimentado nunca. Era um nome materializado em insónia, em olheiras negras e em problemas com Xico.

-Voltei a sonhar com a Patrícia.

-Nom quero saber mais nada dos teus sonhos.

Xico continuava a mostrar-se tenro e carinhoso enquanto nom falavam de Patrícia. Quando essa palavra inundava com o seu sensual som os ouvidos de ambos, Xico tirava as garras e usava o seu tom mais amargo para acabar as conversas. Mas Patrícia era apenas um nome, um nome com a seiva do gozo.

Xico começou a lembrar-lha quando faziam amor, começou a recorrer a frases feitas armas que se voltavam na sua contra:

-A que a Patrícia nom che pode fazer isto? A que nom pode fazer-te gozar desta maneira?

Nesses momentos duvidava entre a violência e a ternura, penetrava-a agarrando-a polo cabelo e repetindo aquela frase:

-A que a Patrícia nom che pode fazer isto?

Depois arrependia-se e acariciava-a amodo, roçando-a com as pontas dos dedos e repetindo-lhe no ouvido: "linda, linda, linda, di-me que che fai Patrícia". Ela fechava os olhos e começava a falar:

-Patrícia acaricia-me todo o corpo com a sua pele de seda, eriça-me os

mamilos com suavidade e lambe-me o pescoço, depois abre-me as pernas e masturba-me com os dedos e com a boca.

Xico ia seguindo aquela rota cada vez mais excitado, desejando-a quando a imaginava sob as mãos de Patrícia.

Essas noites acabavam chorando os dois, o um ao lado do outro sem se olhar, sentindo como um nome de cabeleira escura se interpunha entre eles.

Patrícia e Xico vivêrom atraindo-se e repelindo-se durante meses. Ela sonhava com Patrícia e Xico virava tenro, carinhoso, amante...Perseguia-a esperando encontrá-la com aquela mulher, rastejava nas suas cousas esperando cheirar um odor diferente. Mas Patrícia era escorregadia, chegava e ia embora sem deixar pegada alguma, sem nenhum sinal que delatasse a sua presença excepto o rosto satisfeito dela. Ela acolhia-a na sua cama e gritava "Patrícia" "doce Patrícia"; Xico escuitava-a e acordava-a:

-Quero que Patrícia desapareça.

Patrícia começou a aparecer menos, já nem a acompanhava todas as noites e a confirmação desse facto tranquilizava Xico. Deixava de ir buscá-la ao trabalho, de erguer-se cedo para fazer-lhe o pequeno-almoço...Até que Patrícia voltava e Xico sentia abrir-se uma ferida mal curada. Uma espécie de ameaça, de ultimato. Sentia-se como um funambulista, caminhando sobre uma corda bamba que podia deitá-lo em qualquer momento.

Nesses casos aferrava-se à sua única opção: lutar com as mesmas armas pela conquista dela, assediá-la, sitiá-la com carinhos e aluminhos, mimá-la...

Mas Patrícia cada vez aparecia menos, deixava a cama livre e os dois dormiam em silêncio, sem gemidos nem suspeitas.

Quando Patrícia nem aparecia, ela necessitava-a e inventava-a:

-Hoje sonhei com a Patrícia.

Necessitava-a porque sem Patrícia nem existia Xico, Xico voltava a converter-se num ser cinzento que se desvanecia com os dias, que se ia diluindo com qualquer outro acto da existência. Com Patrícia, Xico era um deus -ou um diabo-, mas era alguém que crescia à sua volta formando um tecto de sentimentos. Precisava daquela apertada abrumadora mas consistente que a tinha colada ao seu lugar.

Patrícia deixou de aparecer pelas noites, abandonou-a definitivamente perdida noutras camas:

-Hoje sonhei com ela.

-Nom podo mais, isto é insuportável.

-Mas Patrícia é apenas um nome.



## O LUPANAR E MANUEL-ANTÓNIO

Vejo um dourado rosto neste exergo  
e as lágrimas empapam a remota  
paixão por ter-te amado na derrota  
dos meus dedos perdidos em ti. Ergo  
esta moeda turba que deslumbra,  
peço o seu dom de cerva e doce rumo  
e emerge a tua memória, como em fumo.  
Busquei o teu contorno na penumbra,  
senti cálida a brisa e sobre o dorso  
das papoilas cresceu o sol no albor  
mais pródigo e secreto. Sem remorso  
desci a um suavíssimo estuário.  
somente agora sei que tudo é dor  
e fui-me, sem amor, mais solitário.

---

(\*) Román Raña (Vigo, 1960). Doutor em Filologia Galego-Portuguesa pela Universidade de Santiago, é catedrático de Língua e Literatura Galegas no ensino secundário. Como poeta escreveu *Retrato de sombra en outono* (prémio Celso Emilio Ferreiro), *Nas areias de outro mar* (prémio Cidade de Ourense), *Extramuros da noite* (1985), *Da muda primavera* (prémio Esquio em 1987), *Ningún camiño* (1997, prémio Martim Códax), e *Elogio da desordem* (2002, prémio Miguel González Garcés). Em prosa os contos "Botella náufraga" e "O último hexagrama" (premiados no *Pedrón de Ouro*), e o romance *O crime da rúa da Moeda Vella* (prémio Blanco Amor, 1989). Publicou edições críticas e ensaios dedicados a Manuel-António, Arcádio López-Casanova, Cunqueiro, o *Rexurdimento*, a poesia galega de pós-guerra. Colaborador habitual na imprensa galega e em diversas publicações de crítica literária.

## A QUEIXA DO IMORTAL

Ora penso na nuvem momentânea  
que se dissolve sob um sopro adverso.  
Anelo esse destino que o universo  
me vedou. Combati lá em Aquitânia  
lambendo a densa dor da minha chaga,  
mutili algum membro entre a espessura  
dos cutelos e, logo, numa dura  
colisão, intui a breve adaga  
de Amadis e Roldão. Nada foi meu,  
excepto as dolorosas luminárias  
que morriam no adentro, longe. Isto  
doeu-me como um mar em apogeu.  
Então eu quis jazer entre alimárias  
para ignorar a voz que diz: existo.

## SEM NOME

E sou o só que cala no dezembro  
sou o dentro sem ondas bem vazio  
que não quer ser pra sempre só intempérie  
que quer ser a morada tua inteiro  
e longe do silêncio um som de me deixar  
sem mim toda a amargura  
pra que me volva luz nesse teu tu,  
sol fazendo-se terra e duro barro

estrela de ti próprio em mundo mudo  
que me volva de mim templo de lume  
e um amigo sabor nessas palavras  
anuncie a semente da vida a cada passo.

(inédito)

## Suso de Toro(\*)



MAS OS QUE CENSURAM INFORMAÇOM, que querem matar vozes, som parte da velha Galiza. Som passado, há umha nova Galiza que ainda nom tem expressom oficial nem mediática. Mas existe.

INVASORES. A 22 de Agosto de 1939 Hitler pediu ao seu estado maior que procurasse umha desculpa para justificar a invasom do Iraque, quer dizer da Polónia: "Ninguém vai perguntar ao vencedor se dixo ou nom dixo verdade. Temos de agir com brutalidade: a razom está sempre do lado do mais forte." O senhor Aznar cita muito nos últimos meses Churchill (que em vez de invadir um país afrontou bombardeios e um intento de invasom!). O que é seguro é que o seu amo, Mr. Bush, quem leu foi o Hitler.

QUEM MATOU A DEMOCRACIA NOS EE.UU. da América? Nom foi um inimigo exterior, a democracia está-lhes a ser roubada aos cidadaos norte-americanos polo

---

(\*) Suso de Toro (Compostela, 1956). Licenciado em Arte Moderna e Contemporânea, escreveu para teatro em fins dos 70, fazendo a sua estreia com o prémio "Galicia" da USC aos relatos de *Caixón desastre* (1983). *Polaroid* (1986) recebe o prémio da Crítica de Galiza. A partir daí a sua carreira continua em vários géneros com *Land Rover* (1988), *Ambulancia* (1990), *F.M.* (1991), *Camilo Nogueira e outras voces* (1991), *Unha pouca cinza* (1992), e *Tic-Tac* (1993), que será Prémio da Crítica Espanhola e prémio "Arzobispo S. Clemente" e dará lugar a uma obra teatral. Seguem ainda as obras *A sombra cazadora* (1994), *Unha rosa é unha rosa (unha comedia de medo)* (1996), *Conta saldada* (1996), *Parado na tormenta* (1997), *Calzados Lola* (1997), *La flecha amarilla* (1998), *Círculo* (2000), *Non volvas*, (2000), *El pueblo de la niebla /O País da brétema* (2000), *A Carreira do salmón* (2001), *13 Badaladas* (2002) levada já ao cinema e outra vez Prémio da Crítica espanhola no 2003.

seu governo e polos próprios meios de comunicação social norte-americanos. O inimigo está dentro.

E LOGO ESSE CHEIRO A CARNE QUEIMADA QUE CHEGA DESDE O IRAK? É um banquete de festa ou é um sacrifício.

(in BOTELHA AO MAR, Março-2003)

**Xavier Queipo<sup>(\*)</sup>**



(foto de Ce Tomé)

KOTARO

Umha mao acarinhando a outra. Umha cadeira antiga que no canto delimita o tempo e o vazio. Os pauzinhos descansando a lado do bol do arroz. Soledade. Um olhar agorafóbico.

A folha dum ginko pairando na imensidade do estanque do Buda reclinado. Campo do ideal. A crina de cavalo que desenha caligramas. Amor. Palavra mentira a que se acolher por mor do medo.

Dimensom acentuada. Folhas vermelhas pintando umha árvore pouco antes de cair. Coordenada subjectiva. Uniom. Escala variável. As pingas a escorregar no vidro do tempo.

---

(\*) Xavier Queipo (Compostela, 1957). Publicou o romance *Ártico e outros mares* (1990, prémio da crítica espanhola), *Ringside* (1993, contos), *Diarios dun Nómada* (1994, diários), *Contornos: apuntes de filosofía natural* (1995), *O Paso do Noroeste* (1996, prémio de romance Garcia Barros), *Mundiños* (1997), *Malaria Sentimental* (1999), *Manual de Instruccións* (1999), *Papaventos* (2001), *Nos dominios de Leviatán* (2000, poesia), *O ladrón de esperma* (2002, relatos, prémio Café Dublín), *Glosarios* (2002, poesia). Participou também em livros colectivos e colaborou em traduções do inglês e do francês, assim como em periódicos, revistas e suplementos literários como *Alquimia*, *Animal*, *Dorna*, *Grial*, *Luzes de Galicia*, *O Correo das Culturas*, *Revista das Letras de O Correo Galego*, *Trilateral*, *Valium diez*, ou *A Nosa Terra*, *Inzar*, *Tempos Novos*.

Self mutilation cutting the flesh. Martírio ou lealdade com hemorragia em lenço.  
Loucura. Loucura compartilhada (honorável/ steadfast/ loyal). Pequeno coração  
de jade. Wakashu. My dear Wakashu.

Cerimónia de tempo, amor e soledade. Sharing madness. As pingas de sangue no  
estanque das rás e dos nenúfares. Pequeno coração de jade de olhar agorafóbico.  
Honorável. Loyal. Steadfast. Wakashu. My dear wakashu.



## CONTRA A MENTIRA NEGRA

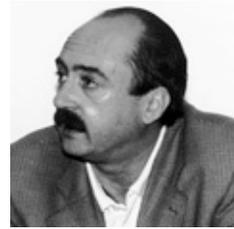
da combustão furtiva e da mordaza  
nas bocas entupidas e das brandas  
vontades que se entregam  
e da ferida incisa sobre o rumor das vozes soterradas  
e das matérias podres da desídia  
e do cerne infeccioso da mentira que se propaga em labirinto  
e aprisiona o mentiroso no poço dum espelho de que nunca  
ninguém regressa  
e do crime voraz  
nasceu a cobra negra  
a besta derrubada num vómito de inferno  
que já travou nas praias e na cortiça frágil da tristeza  
que já tocou no fundo

---

(\*) Xosé Maria Álvarez Cáccamo (Vigo, 1950). Professor de Literatura no ensino secundário, poeta e crítico literário, tem participado em certames com poemas-objeto e visuais, e publicou obra narrativa e teatral. As suas colaborações (comentários, artigos, prólogos, conferências) estão dedicadas fundamentalmente à poesia galega da segunda metade do século XX. Enquanto poeta, recebeu os prémios Esquio (1986), Associação de Críticos de Espanha (1987), Crítica da Galiza (1998) e González Garcês (1999). Publicou os seguintes livros de poemas: *Praia das furnas* (1983), *Arquitecturas de cinza* (1985), *Os documentos da sombra* (1986), *Luminoso lugar de abatimento* (1987), *Cimo das idades tristes* (1988), *Fragmentos de mar* (1989), *O lume branco* (1991), *Colección de espellos* (1994), *A escrita das aves de marzo* (1997), *Calendario perpetuo* (1997), *Os cadernos da ira* (1999) e *Vocabulario das orixes* (2000). Prosa: livros de relatos *Microtopofanías* (1992) e *A luz dos desnortados* (1996). Teatro: *Casa dormida* (1986) e *Monstro do meu labirinto* (1987).

e o mar brua por dentro  
e somos nós quem brua  
e há uma rede mundo desde a vigília brava do Roncudo  
aos socalcos da luz em Campossancos  
desde os lindes da tarde em Tourinhám  
às extremas do Eo firmemente  
ferozmente uma rede um universo  
contra o tráfego mouro da razão contra a furtiva  
consigna silenciosa de veneno  
e chumbo na palavra que apodrece  
se não bruamos mar se não bradamos  
contra a mentira negra  
e na foz da impostura  
naufraga o mentiroso no seu espelho  
multiplicado em nada devorado  
por um funil nocturno de petróleo

28 Novembro 2002



## NINGUÉM AGUARDA

Já nom regressarei  
mas se por acaso voltasse,  
quem me abriria? Do outro lado  
“quem vai”, ninguém  
perguntará. Ninguém me espera.  
Somente os mortos, que nom esperam.  
Marcharom em lentas vindimas  
eles, os que me quigerom,  
murchou a beleza das jovens que amei  
e que me amarom, e quanto foi vida  
e alegria, agora é danada pobreza,  
desolaçom vulnerada.  
Nom, já nom podom voltar.  
Cruzei aquela porta tantas vezes!  
e nunca se me considerou alheio,

---

(\*) Xúlio Valcárcel (Lugo, 1953). Poeta e narrador, licenciado em Direito pela Universidade de Santiago, trabalha na atualidade como Procurador dos Tribunais na Corunha. Membro destacado da Geração Poética de 1980, a sua obra, distinguida, entre outros, com o Prémio Nacional de Poesia para menores de 25 anos e os prémios *Celso Emílio Ferreiro*, *Antón Tovar*, *Miguel González Garcés* e da Crítica Espanhola, está composta pelos títulos *Víspera do día* (1979), *Alba de auga sonámbula* (1983), *Solaina da ausencia* (1987), *O sol entre os dedos* (1993) *Memoria de agosto* (1993), *Historias del Campo de Marte* (2002). A sua obra poética figura nas mais importantes antologias da poesia galega contemporânea. Editou ainda a *Poesía galega* de Miguel González Garcés (1998), e entrou no campo da narrativa com os relatos *Anel de mel* (1991), pioneiros como literatura erótica em galego.

a qualquer hora que chegasse  
sempre regressava à minha casa,  
sempre topava disposta a mesa,  
o pam, o vinho cáldo, a moleza de leito,  
a flor feliz do reencontro brilhando.  
Mas agora, nom. Ninguém me espera já.  
Ninguém me espera em Naemor.  
Ninguém me espera.

#### A CHAMADA

Escuito, casa, a tua chamada.  
Houvo outras casas em que fum  
desenovelando os dias um trás outro,  
mas nengumha a ti comparável,  
casa em que abrim os olhos  
ao assombro de estar vivo,  
ser no mundo, e na qual pensava  
também fechar o ciclo, apagando  
a minha luz entre os teus muros.  
Escuito, casa, a tua chamada,  
Nunca deixei de escuitá-la  
por longe que estivesse, por muito  
que fosse o tempo que faltasse.  
Fora de ti, nom estava no meu,  
Pouco importava a distância.  
Escuito, casa, a tua chamada.  
É umha chamada de auxílio,  
um S.O.S. urgente, angustioso.

Temes, talvez, que te despreze por velha,  
como quem se envergonha dumha antiga amante,  
ou que o tempo e a desgana  
pugeram um véu de esquecimento  
nos meus olhos.

Mas eu sigo prendido de ti, do teu recorde,  
como em criança, quando brincava  
a fazer casas tentando reproduzir-te  
para recuperar o teu odor, caminhar às apalpadadas  
polas tuas peças, casa de alegria, casa  
também das primeiras mortes.

Escuito, casa, a tua chamada...,  
já sem urgência, resignada, mansa,  
implorando, sem nada exigir.

Mas já nom poderei voltar.

Fecharam-me os caminhos do retorno.

[NOTA FINAL: O uso da norma lusitana, a par da norma galega (chamada de “máximos reintegracionistas”), teve a seguinte distribuição: empreguei sempre a forma reintegrada galega, nestes textos literários, quando não me era indicado pelo autor que preferia a lusitana padrão. No aparato introdutório, como nas notas biográficas e até nesta final, emprego o padrão português seguindo o pedido da Revista. O volume dos contributos recebidos e a exigência de entregar o trabalho dificultou as consultas com os autores, de modo que alguns só verão o resultado final já impresso, no que se refere à adaptação ortográfica dos seus textos, exceto os casos, abundantes, em que o original me foi já entregue em galego reintegrado. Aí os retoques foram mais cautos, ou até inexistentes. Restam ainda as gralhas, essas gralhas que sempre ficam entremeadas nos ramos das paisagens percorridas com mais velocidade da devida, para as que espero a compreensão de quem sabe como é de complicado este ingrato labor.]

*Carlos Quiroga*